

# SEIVA

*Mensagem aos povos da America*



**\$500**

ANO III — JULHO, 1941 — BAHIA - BRASIL

A Esquina Da Sorte Não Falhou!!

a

**Casa Guimarães**

**Vendeu e já pagou**

**OS**

**2000 CONTOS**

da

**Loteria de São João!!**

---

**Vá Também A' ESQUINA**

**Experimentar A Sua Sina!**

MATRIZ EM S. PAULO

Rua Libero Baderó 105 — 107

Caixa Postal 2999

End. Telegrafico

"CONSTRUTORA"

**Empreza Construtora Universal Ltda.**  
A Maior Organização De Sorteios Do Brasil



AGENCIA NA BAHIA

Rua Miguel Calmon 41 — 1º andar

EDIFICIO PORTUGAL

Fone 6272 — Caixa Postal 120

**Galeria de Credito LTDA.**



Grande sortimento de Ar-  
gentés, Capas de pele e  
variadissimo sortimento  
de sêdas finas.

Trocamos peles usadas por  
novas, pagando o ex-  
cedente pelo sistema  
crediaro.

SE QUIZER VESTIR ELEGANTEMENTE VISITE A NOSSA CASA E  
COMPRE PELO SISTEMA CREDIARIO

Avenida 7 (Rosario) 140 — Tel. 3777 ....

**CASA MOZART**

— DE —  
**PIRES & CIA.**

ARTIGOS DENTARIOS — CIRUR-  
GICOS — CUTELARIA FINA, INS-  
TRUMENTOS DE MUSICA, E UM  
GRANDE E VARIADO SORTIMEN-  
TO DE BRINQUEDOS FINOS.

AVENIDA 7 DE SETEMBRO, 48 —  
TEL. 3283 — BAHIA

Se experimentarem os

*Cigarros Fischer*

Jamais se arrependerão

# SIDERO-CIMENTO, LTDA.

Construções Civas — Urbanismo.  
Hidraulica, Levantamentos topo-  
graficos, geodésicos, geologicos,  
Engenharia geral

RESPONSÁVEIS

Eloywaldo Chagas Oliveira e Newton Vaccarezza Cordeiro

Praça Padre Aspicuelta 16 — Tel. 2579 — Salvador

## J. A. Costa Pinto Filho

Cirurgião Dentista

Assistente de Odontologia da Fa-  
culdade de Medicina

Consultas diarias das 7,30 ás 12 e  
das 14 ás 18 horas

CONSULTORIO

S. Pedro 51 (Ed. JONAS) Tel. 4488

## Serviço de Transfusão de Sangue

Séde: Edificio Bahia, 2º andar —  
Salas 27 — 28 — 29 — Tel. 4233

SOB A DIREÇÃO DOS

Drs. Eduardo Araujo — Menandro  
Novaes — Estacio Gonzaga

Atende chamados urgentes para a  
cidade e reconeavo

Moagem De Cereais, Sal Fino E Gros-  
so De Macau, "Colorante Ideal",  
Condimento Para Cosinha, Torrefa-  
ção De Café E Beneficiamento De  
Arroz Em Casca. Fabricantes Da Pu-  
rissima Banha De Porco Marca  
"BRASIL"

Endereço Telegrafico :  
SERRA VALE  
Codigo - Ribeiro  
PREDIO PROPRIO  
Bahia — Brasil

Flor De Milho, De Arroz, Fubá Co-  
mum, Granito, Cangica Vermelha E  
Branca, Triturado Para Passarinhos,  
Rações Para Gado E Galinaceos

## GRANDE MOINHO IDEAL

Fundado em 6 de Outubro de 1908

MOVIDO A VAPOR

DE R A P H A E L S E R R A V A L L E

MATRIZ — RUA BARÃO DE CO-  
TEGIPE 36 — TELEFONE 8423

FILIAL — RUA CAMPOS SALES 58  
TELEFONE 1473

## RAIOS X

BERTINO CARVALHO

CIRURGIÃO DENTISTA

Curso de Especialização no Rio de Janeiro

AVENIDA 7 — 71 — 2º ANDAR

TEL. — 2248

## Cia. de Melhoramentos Urbanos S. A.

CONSTRUTORES

Ed. Chadler - 4.º andar - Tel. 2158

**ONDE** ADQUIRIR UM PRESENTE ELEGANTE  
PARA DEVERES SOCIAIS OU  
COMERCIAIS

**ONDE** ADQUIRIR UM PRESENTE ÚTIL PARA  
A SUA ESPOSA

**ONDE** ADQUIRIR UM PRESENTE EDUCATIVO  
PARA OS SEUS FILHOS, NETOS  
OU AFILHADOS

— NA —

**Sul America Capitalização S. A.**

Encontrareis O Presente Que O  
Tempo Não Consome E Que Au-  
menta De Valor Cada Ano



**Alvaro Falcão**

*Cirurgião Dentista*

EDIFICIO JONAS

São Pedro

Telefone 4488

**Companhia Construtora Nacional S. A.**

**Executora De Grandes Obras**

RIO -- BAHIA, Rua Chile 3 = 3.º Andar = TEL. 2552

Remedios Vegetais CATEDRAL

da Rica Flora Brasileira para trata-  
mento de todas as doenças

GUARATON - Fortificante Vegetal CALCIO CATEDRAL - Pul-  
mões e Ossos. HEPÁTICO CATEDRAL - Fígado e Baço  
PEITORAL CATEDRAL - Tosse em Geral

Sortimento de Remedios da Flora,

Só no Deposito CATEDRAL:

RUA CARLOS GOMES  
(EDIFICIO ALBA) Tel. 5564. BAHIA.

**Vende-se**

Na Rua Cons. Saraiva n. 27,  
sementes de hortaliças, recém-  
chegadas de São Paulo e Rio e  
do Estrangeiro.

**CASA  
FIUZA**

Armarinho

Padre Vieira, 3

**AUTOMOVEIS**  
PONTIAC e OPEL

**CAMINHÕES**  
G. M. C. e BLITZ

**J. Magalhães & Companhia**

AUTOMOVEIS E ACCESSORIOS

OFICINAS — RUA URUGUAI — 47  
PHONE — 8-104

AVENIDA 7 nº 158 — MERCÊS  
Phone 3016 — Telegr. JAPAIO

CIDADE DO SALVADOR  
BAHIA

## EXPEDIENTE:

Redação e Administração:

Rua Direita da Piedade, 40

Bahia — Brasil

## DIRETOR

João da Costa Falcão

## REDATOR

Aldenor Campos

## SECRETARIO

A. Santos Morais

Assinatura anual (sob registro): . . . . .

Capital . . . . . 15\$000

Interior e Estados . . . . . 20\$000

Estrangeiro . . . . . 25\$000

Número avulso . . . . . 1\$500

## NOSSA CAPA

As palavras são desnecessárias ante a força de expressão que o contraste dos dois quadros encerra. Na atitude do menino ha toda a angustia, a incompreensão dos que são apinhados e triturados pela engrenagem da guerra. E enquanto isso os canhões e os aviões bombardeiam, morrem as crianças, as cidades tornam-se em ruínas.

NOTA: — Os artigos "Colaboração Anglo-Americana" e "A Unidade Nacional da China foi golpeada", saíram sem os nomes de seus autores, respectivamente L. Toledano e E. B.

## SUMARIO

## POLITICA, ECONOMIA E CIENCIA:

A Revolução da Independência — ORLANDO GOMES . . . . .	7
Colaboração Anglo-Americana — L. TOLEDANO . . . . .	9
O Engenho Como Centro de Civilização — MANOEL DIEGUES JUNIOR . . . . .	11
A Biología e a Interpretação Moderna de Alguns Fenômenos Sociais — VIRGILIO CAMACHO P. . . . .	16
A Unidade Nacional da China Foi Golpeada — E. B. . . . .	20
A Terra Ainda E' Dona Demais — JOÃO NITÃO . . . . .	21
Esta Guerra Não E' Nossa — ROBERT WESSEN . . . . .	24
As Bases Navais Dos Estados Unidos no Pacífico — A. ALEXANDROVA . . . . .	27
Entradas Da Civilização Paraibana — LUÍS PINTO . . . . .	37

## ARTE E LITERATURA:

Congresso Internacional de Poesia — CARLOS DRUMOND DE ANDRADE . . . . .	12
Poetas Afro-Cubanos — ERNESTO MORALES . . . . .	13
Rumba — RUBEM BRAGA . . . . .	15
O Grande Sinal — ALUÍSIO MEDEIROS . . . . .	22
Escrevo Em Nome De Um Destroço Ensanguentado — J. B. PRIESTLEY . . . . .	23
Agonia De Artista — MANOEL CAETANO FILHO . . . . .	26
Manipueira — WILSON LINS . . . . .	31
Batuque — GASTÓN FIGUEIRA . . . . .	32
Capitulo Nove — SANTOS MORAIS . . . . .	33
Três Paginas Inconsistentes — TELMO VERGARA . . . . .	36
Música do Brasil — RODRIGO JUNIOR . . . . .	41

## REPORTAGENS:

Novo Rumo Na Teoria Dos Logaritmos — ALDENOR CAMPOS . . . . .	28
---	----

## SEÇÕES

NOTA DO MÊS — Dois de Julho
ESCRITORES DAS AMERICAS — John dos Passos
PROBLEMAS DA BAHIA — A Irradiação do Banco do Brasil no Interior do Estado
EDUCAÇÃO — Ação Social da Escola Rural - AURELIANO ESQUIVEL CASAS
MIRANTE — A. C.

## CINEMA E RADIO:

Um Marco Na História Do Cinema — Frank Capra, O Moralista — "Shorts" — De Ródio
---

## NOTAS DA REDAÇÃO:

Retrato de Pierre Laval — O Imperialismo e a Paz — Dorothy Thompson fala a verdade — O artista de cinema Douglas Fairbanks e a propaganda de guerra — 1º ou 15 de Maio? — União da América Latina — Surrealismo — Capitalistas e Banqueiros — Os refugiados espanhóis na França estão ameaçados — O caso Hess e a invasão da Rússia — Os estudantes uruguaios — CONCURSO DE REPORTAGENS.
--

## NOTA DO MÊS

# DOIS DE JULHO

Dois de Julho é o dia comemorativo da Independência do Estado da Bahia. Foi em 1823. Dez meses após a proclamação da Independência, no sul do país.

É um aspecto, o mais interessante, da luta do povo brasileiro pela sua independência política do jugo colonial. Aqui na Bahia enraizaram-se profundamente os tentáculos da metropole lusitana, constituindo neste Estado e em outros do Norte, os mais fortes redutos da exploração mercantilista, característica da política econômica do Portugal colonizador. Este processo de colonização (e nisto o colonizador português se distinguiu do inglês) determinava o esmagamento de todos os surtos progressistas do povo, jogando-o num insuportável regime econômico, feudal, escravocrata, causa fundamental da opressão política que aqui reinava e que estava a serviço da mais pesada exploração do país, em benefício dos "mercantes" de além-mar, que daqui levavam tudo. Ora, um povo dependente só poderá desfazer-se de um tal estado de coisas á custa da luta armada. E, conquanto outras forças que não as nacionais contribuissem fortemente para a Revolução da Independência brasileira, a luta foi inevitável. Os senhores não entregam facilmente suas regalias. Na Bahia, eles se acastelaram. Mas, as condições materiais do país já estavam á procusa de um novo envolvimento político, havendo já uma ideologia libertadora e uma classe que para progredir e desenvolver-se carecia da independência: a burguesia agrária e urbana que nascia, e que deu o seu primeiro vagido: "Independência ou Morte", 10 meses antes (a 7 de Setembro de 1822).

Muito nova, a primeira força econômica independente do país, isto é, nacional, sem um conteúdo político definido que a podesse vincular profundamente ás outras camadas nacionais, que também queriam a independência, em torno de uma bandeira comum de luta, a burguesia incipiente não foi consequente, sofrendo, apesar da vitória, um golpe fatal para o desenvolvimento econômico e político da nova Nação independente. É que aquela mesma força que contribuiu para emanciparmos da Metropole portuguesa, o capitalismo britânico, precisava plantar aqui as raízes de sua dominação, que iria prolongar-se até não sei quando. E, por isso, D. Pedro I "nos deu" a nossa Independência, constituindo-se imperador, quando a oportunidade histórica indicava o caminho da República (como aconteceu em todos os países hispano-americanos), cujos ideais nasceram com os da Independência, manifestados em 1710 em Pernambuco, em 1720 em Vila Rica, e mais tarde, na Conjuração Mineira de 1789 e na Revolução Pernambucana de 1817.

Do descobrimento á Independência, com os processos anti-progressistas da colonização portuguesa e com vinculação desta ás forças contrárias á libertação nacional, tem o povo brasileiro rastejado muito lentamente no seu desenvolvimento econômico, encontrando-se, finalmente, em face da mais organizada, forte e poderosa força de dominação dos povos fracos e dependentes: o imperialismo, reclamando dos brasileiros, dentro da bandeira de união nacional, a participação num amplo e incontido movimento libertador.

## NÃO ESQUEÇAMOS AS LIÇÕES DO POVO BRASILEIRO

A 2 de julho de 1823, ha 118 anos passados, consolidou o povo bahiano a Independência do Brasil, esmagando o opressor nacional após uma tenaz e heroica luta. Nos meses sangrentos que anteciparam o 2 de julho, travava-se a primeira Revolução da Independência, epilogo das lutas do povo brasileiro contra o jugo colonial, fator de miseria e escravidão nacional. O 2 de julho foi o desfêcho da primeira etapa de nossa libertação economica e politica, forjado por uma serie de lutas que antecederam a Independencia e temperaram uma tradição emancipadora, que ainda não faltou em nenhum momento em que o povo brasileiro foi chamado a cumprir os seus designios historicos.

Os nossos indios, durante varios seculos, lutaram contra a sua opressão. Vencidos sempre, jamais capitularam.

Os nossos negros, palmo a palmo, numa confraternização extraordinaria com todo o povo, conquistaram sua liberdade.

As populações do nordeste durante 24 anos lutaram contra o invasor e expoliador holandês, expulsando-o.

Tiradentes, "o martir da Independencia", personifica toda a ansia e coragem de um povo que deve ser independente.

Os heróis pernambucanos de 1817 e a figura impassivel de Padre Roma, enforcado na Bahia, viviam intensamente no seio do povo da Bahia.

Estes são os antecedentes do 2 de julho, a primeira Revolução da Independencia e a primeira grande lição de nossa historia.

A monarchia continuou oprimindo o povo, politica e economicamente. E os ideais repu-

blicanos que nasceram com os da Independencia, cresceram. A Confederação do Equador, a Sabinada, a Balaiada, a Cabanada, a Farrou-pilha, a Revolução liberal de Minas e São Paulo em 1842, as lutas pela libertação dos escravos, lutas vivas de um povo por um ideal que todas as forças materiais crearam e desenvolveram, dão-nos a Republica, a segunda Revolução da Independencia e a segunda grande lição de nossa historia.

A Republica a serviço das forças de dominação nacional continuou oprimindo economica e politicamente o povo brasileiro. E ele luta desesperadamente para esmagar as sobrevivencias feudal-imperialistas da nossa formação historica, descrevendo a mais bela pagina nacional-libertadora da America contemporanea.

Durante estes quatro seculos a Unificação Nacional tem sido a chave das nossas victorias.

Esta é a mais progressista tradição brasileira.

E estas lições de um povo devem ser olhadas com verdadeiro carinho nacional. A historia não é uma coisa morta. Ela é viva e ininterrupta. A nossa historia não pode sofrer solução de continuidade, sobretudo agora que a humanidade está ameaçada pela escravidão imperialista, na mais estúpida disputa de povos pela dominação mundial. A geração atual é a herdeira das gloriosas tradições do povo brasileiro. Ela precisa ensinar ás futuras gerações a terceira lição de nossa historia.

Libros, publicaciones, periodicos, topicos, comentarios, y enfin, toda clase de colaboracion que refleje y exprese maturamente el pensamiento americano tendrán acogida fraternal en esta revista.

A todos aquellos amigos y companeros que nos quieran distinguir con sus colaboraciones les enviaremos gratis nuestros ejemplares. Hacemos extensivo esto a todos nuestros hermanos de America y del Extranjero.

SEIVA, es un trabajo de los americanos del Brasil.

# A Revolução Da Independencia

Orlando Gomes

A historia da independencia formal do Brasil não pode ser a narração, mais ou menos colorida, de episodios, mais ou menos verosimeis. E' coisa muito mais seria.

O grito do Ipiranga, o toque providencial do corneteiro Lopes, a caça maritima de Cockrane são, apenas, "trailers" sugestivos de um grande "filme" cuja ação se desenrola, todavia, nas camadas profundas da estrutura social do paiz.

Porque a autonomia politica do Brasil foi uma revolução. E, como todo fenomeno revolucionario, suas raizes hão de se buscar na sub-estrutura da sociedade.

Para compreende-la, pois, para lhe medir, á justa, as proporções, é necessario descer ao sub-solo da sociedade de então, e surpreender, nesse ambiente prosaico, o entrecho que dos elementos desencadeados, cuja ressonancia mal percebem os que se quedam, obstinadamente, na superficie.

A verdadeira revolução processou-se nessas camadas subterraneas, onde o fenomeno economico tem o seu "habitat". Os acontecimentos politicos, que imprimem um cunho interessante, e novelesco, á historia da independencia são, em ultima analyse, reflexos de outros tantos acontecimentos que tiveram por teatro a base material sobre a qual descansava a sociedade colonial brasileira. E as proprias figuras romanescas desse episodio histórico foram animadas por um Walt Disney autoritario e inflexivel, que se compraz em personalizar fatos.

No exame, por mais superficial que se empreenda na estrutura economica do Brasil-colonia, na manhã do seculo XIX, ha de se notar que as contradicções se acentuavam de tal modo que era fatal o rompimento do envoltorio politico, para que o país pudesse viver em quadros mais amplos e mais arejados.

A estrutura politica colonial constituiu-se um entrave ao desenvolvimeto economico do país. As restrições impostas pela Metropole freiavam-lhe o pro-

gresso material. Portugal era insaciavel nos seus propositos de exploração. Tudo havia de ser canalizado para a velha nação luzitana. O parasitismo luso não tinha medida. Daqui não só se tirava o que podia ser tirado, como se impedia de fazer o que lá se fazia.

As arcas portuguezas se enchiam. E as manufaturas, com o privilegio desse mercado tropical, prosperavam, na santa paz de Deus.

Mas, para desgraca de Portugal, o sistema capitalista de produção começava a apresentar seus frutos. A invenção da maquina, meio seculo antes, rasgára amplas perspectivas aos povos ativos da Europa. E a Inglaterra, teatro da revolução industrial, iniciava, então, sob os auspicios de uma burguezia inteligente, a sua trajetoria progressista. Os produtores ingleses andavam á cata de mercados. Nessa época um turbulento de genio, com a mania de conquistar a Europa, deu uma carreira no rei de Portugal. E este veio parar no Brasil.

Protetora secular do imperio luzitano, ou pelo menos sua aliada, a Inglaterra se esforçou, então, com a transferencia da Côrte, porque cessasse o monopolio luso, afim de que seus produtos podessem penetrar diretamente no Brasil. E D. João VI abriu os portos do país ás nações amigas.

Desde esse dia a superestrutura politica da colonia começou a perder as suas características. E desde esse dia as manufaturas portuguezas começaram a declinar. A produção portugueza desequilibrou-se; a metropole enfraqueceu. O Brasil dava os seus primeiros vagidos autonomistas.

Portuguezes clarividentes perceberam que nos afastavamos, a largos passos, da sua patria, que caminhavamos, numa palavra, para a independencia. E encetaram relações com a Metropole afim de, por meio de uma politica habil, recolonizar o país, que lhes fugia sorratamente. A Bahia se tornou o centro dessa politica anti-patriotica. Maus brasileiros acompanharam os portuguezes

nessa tentativa, fazendo o jogo de Portugal.

Segundo o depoimento de Accioli, "a Junta da Bahia requisitou forças de Lisboa e foi o corpo de comerciantes desta cidade quem pagou o transporte das tropas".

A reação se preparou, assim, não só aqui como também em varias provincias do Norte.

Daí, ter sido a Bahia o palco das lutas pela Independencia.

Por uma singular coincidência, os dois acontecimentos politicos que balisam a Revolução da Independencia, tiveram logar nesta terra. Nessa revolução, que interessava á classe dos proprietarios rurais, sobretudo, o povo da Bahia participou, porém, ativamente. A esse povo, portanto, que lutava por um ideal, e não por interesse, devem ser reservadas todas as homenagens.

Os acontecimentos históricos valem, todavia, pela lição que deles se po-

de tirar. O exemplo que o povo bahiano deu em 1823 é uma lição que ainda não foi aprendida, porque uma obra que não foi completada.

Cento e dezoito anos são passados que a Bahia deu de presente ao Brasil a independencia politica do país. Mas, nestes cento e dezoito anos, a cobiça das nações e governos anti-patrioticos teem reduzido o país á condição de satellite das potencias imperialistas. Os interesses estrangeiros, como outróra os de Portugal, freiam o nosso desenvolvimento economico. As nossas fontes de riqueza estão monopolizadas por companhias estrangeiras. Não ha juntas que importem tropas, com o dinheiro de comerciantes inescrupulosos; mas ha sindicatos politicos prontos a importar armas, para pagar depois, quando escravizarem o país ao jugo alienigena. Quero crer, porém, que o povo da Bahia saberá repetir os feitos dos seus antepassados, porque o Brasil ha de viver politica e economicamente independente.

## MENSAGEM A' INTELIGENCIA DA AMERICA

Quando do outro lado o odio e a discordia cavam barreiras profundas entre os povos, SEIVA renova o seu proposito de unir a intelligencia de toda a America em um largo abraço de amizade e compreensão.

A mesma disposição de defender a dignidade do pensamento e a civilização contra a onda avassaladora do barbarismo solidarisa todos os intellectuais honestos do universo, especialmente os da America, e dita-lhes o caminho certo a seguir, a posição justa a tomar.

Para essa tarefa de tornar cada vez mais real a cordialidade entre os povos e resguardar o pensamento humano dos atentados que contra êle estão sendo perpetrados, numa proporção assustadora, urge a união de todos os homens da America, para onde se volve a cobiça dos imperialismos expansionistas, querendo arrasta-la á guerra, união que deve ser começada pelos intellectuais honestos, defensores da cultura e do progresso da humanidade. E a estes intellectuais cabe, por todos os meios possiveis, defender e salvar a cultura, lutando pela paz, clima indispensavel ao progresso e á libertação dos povos. Entretanto, esta luta não é deste ou daquele país, mas de todos os povos latino-americanos por isso que a todos êles se impõe a sua defêsa das forças de dominação. Daí a necessidade de união das Américas. União que deve ter nos intellectuais americanos sua expressão mais viva.

SEIVA tem, portanto, as suas colunas abertas a todos os escritores da America que simpatizem com essa orientação e queiram contribuir com a sua intelligencia e a sua boa vontade para a aproximação de todas as nações americanas, pelo trabalho sincero e desinteressado de seus homens de pensamento.

E' animada desse espirito que SEIVA dirige sua mensagem de simpatia, de admiração e de fraternidade a todos os escritores da America, até onde possa chegar, mensagem que é um reflexo da simpatia, da admiração e da fraternidade com que olha e deseja sempre olhar os povos a que êles pertencem.

# COLABORAÇÃO ANGLO-AMERICANA

Há pessoas que supõem a existência de um imperialismo anglo-americano, fundido em uma só peça, para a exploração da América Latina. A ajuda dos Estados Unidos à Grã Bretanha os leva a essa concepção. Esquecem que essa ajuda não é desinteressada, pois os capitalistas britânicos devem abona-la em bom dinheiro sonante: "pague e leve", ou seja com a cessão de territórios do Imperio Britânico, ou,



Winston Churchill

ainda, como disse Mr. Morgenthau, do Tesouro americano, fazendo dos ingleses das ilhas Malvinas e das inversões britânicas na América do Sul um instrumento de pagamento. Esquecem, sobretudo, que uma das condições fundamentais no sistema imperialista é o antagonismo anglo-americano, e que a América Latina é um dos campos de batalha desse choque. Esta luta pelo predomínio latino-americano foi acentuada desde a guerra de 1914-1918; desenrolou-se no terreno das inversões, no do comércio, no da diplomacia.

## INVERSÕES EM CAPITAL NA AMERICA LATINA

(Em milhões de dolares)	1914	1929
Dos Estados Unidos	1649	5429
Da Grã Bretanha	3679	4044

## COMERCIO EXTERIOR DA AMERICA LATINA

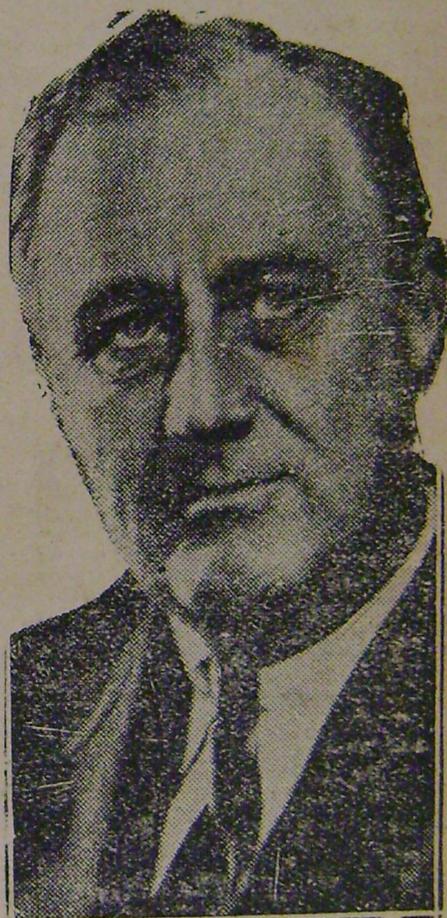
(Em porcentagem)	Importação	
	1913	1937
Dos Estados Unidos	23,7	33,9
Da Grã Bretanha	20,1	13
	Exportação	
P/ os EE. UU.	26	30,4
Para a Grã Bretanha	18,4	17,4

Veja-se a diferença notável em favor do capitalismo dos Estados Unidos. Certamente que os imperialistas britânicos e norte-americanos tiveram e têm plena consciência da luta entre eles disputada. Na Argentina ocorreu um incidente que a destaca. Impedida a Grã Bretanha pela sua perda parcial de posições, mandou a Buenos Aires em 1931 o Príncipe de Gales para inaugurar a Exposição das Industrias Britânicas, e em seu discurso dito por ocasião da solene abertura, expôs ele que os argentinos retribuindo a tradicional boa vontade britânica, deviam ajudar nestas horas difíceis a Grã Bretanha, adquirindo-lhe tudo quanto precisassem comprar no estrangeiro. Recordou ainda que assim o mandava a fórmula "comprar a quem nos compra".

O general Uriburu, inclinado para os ianques, segundo se sabe, alegou que contra essa fórmula havia outra: "comprar onde é mais barato". A brutal polemica Uriburu-Príncipe de Gales em tão tenso minuto diplomático revelava ante toda a opinião pública a que ponto já havia chegado a rixa entre imperialistas norte-americanos e britânicos. A contra-replica inglesa não se fez esperar. Mês mais tarde a ditadura de Uriburu se enfraquecia, o general Justo se apoderava do governo e o dr. Julio Roca firmava em Londres o Pacto que ainda esgota o povo argentino.

Este pacto não fez senão atizar a luta; e para conter o avanço do rival, o capitalismo inglês projetou, em 1939, um acordo com os capitalistas alemães, relativo à distribuição, em detrimento dos americanos, do mercado latino-americano. Nas condições presentes da guerra, o apetite ianque cresceu e dá as dentadas que pôde. O comércio da América Latina com os Estados Unidos aumenta rapidamente (em mais de 50% subiram as exportações para a América Latina no primeiro ano de guerra) e com balanço comercial nitidamente desfavorável para os latino-americanos: só em 10 meses o déficit é de 84 milhões de dolares".

"The economist" inglês, em novembro de 1939, comentando os créditos do Banco de Exportações e Importações, dizia que "a Grã Bretanha deve seguir uma política construtiva em grande escala com seus mercados latino-americanos, se é que não quer perder a maior parte do que ainda resta". A guerra não fazia descuidar aos imperialistas britânicos a velha presa. A Missão Britânica que ainda anda por algum rincão da América do Sul, é parte dessa "política construtiva".



Franklin Roosevelt

## O DOMINIO DO MUNDO

A denominação exclusiva da América Latina é a preocupação primeira dos imperialistas americanos, mas não é a única. Aspiram à hegemonia do mundo. Este comum sentimento dos capitalistas norte-americanos os unifica em torno de Roosevelt. Graças a isso o "inimigo" da vespera — Wilkie — é o colaborador de hoje. Que os outros se liquidem mutuamente, como disse sem grande discreção Henry

Ford, que patrocina a venda de armas à Grã Bretanha e à Alemanha" para que continuem lutando até que ambos se destruam", porque nesse caso o campo ficará livre para a direção do mundo pelos Estados Unidos. Em todo caso, a declaração de Ford mostra ao nú em que consiste o democratismo norte-americano. Mas as palavras do magnata dos automóveis adquirem pleno sentido nas de Wendell Wilkie, pronunciadas durante o banquete que lhe foi oferecido pelos republicanos. Este Mr. Wilkie, que agora é o braço direito de Mr. Roosevelt, em um arranço de fogueira bíblica disse o seguinte:

"Se começamos a dizer a nós mesmos: eis aqui homens livres como nós, que lutam por sua vida, eis aqui uma guerra que definirá o curso da história dos Estados Unidos, eis aqui uma guerra da qual dependerá que o nível de vida de todos os homens da terra ascenda ou desça, eis aqui uma situação internacional que, em virtude de seu próprio caos, oferece aos Es-

tados Unidos a oportunidade de assumir a direção do mundo, não somente a do sistema econômico americano, mas também de todo o sistema mundial, por uma forma que oferecerá a todos os homens uma vida mais cheia do que qualquer que se haja conhecido e que jamais poderá conseguir-se dentro dos estreitos limites de qualquer nação".

Sublinhei as palavras decisivas que denunciam o pensamento da classe capitalista dos Estados Unidos. Se os republicanos apoiam o presidente Roosevelt e lhe entregam o seu próprio chefe como colaborador, é porque o ex-homem do New Deal é o atual homem do imperialismo yanque, que ambiciona a sujeição do mundo.

#### A POLITICA IMPERIALISTA E' REGRESSIVA

A política norte-americana na America Latina não pode ser senão fator de regresso. Se nunca o imperialismo desempenhou em nossos países uma função progressista, nas condições que dita a reorganização belica da indus-

tria estadunidense ele será eminentemente reacionário e retardatário do ponto de vista econômico. Barrará o caminho a toda tentativa seria de industrialização, de ampliação do mercado interior e de independência no domínio do comércio internacional. Sujeitará o desenvolvimento da economia latino-americana a suas conveniências belicas e econômicas. Se a submissão da França à Alemanha — a França um dos maiores Estados capitalistas — significa para ela um retrocesso para a agrarização (pois já o disse Hitler pela boca de Petain: a França será, "em primeiro lugar, agrícola e camponesa), que podem esperar os Estados latino-americanos, retardados, sob o domínio do imperialismo yanque na época da readaptação belica da indústria?

A salvação da independência nacional, do progresso, do crescimento econômico dos países latino-americanos, depende da luta nacional contra o imperialismo. A garantia contra o retrocesso e a colonização se subordina à capacidade de ação dos nossos povos nessa luta.

## Retrato de Pierre Laval

As palavras que se vão ler abaixo são da autoria de um dos maiores jornalistas franceses da atualidade, André Simone. Hoje exilado, expulso da França pelo nazismo, Simone não pôde ser chamado apenas de jornalista, termo que restringe muito a ação intelectual do escritor. André Simone é alguma coisa mais profunda e mais seria: um historiador. Não um desses contadores de histórias que as crianças brasileiras conhecem fazendo discursos sobre homens e datas, nos seus cursos, tendo de notável, apenas gestos e frases. Gestos banais e frases bonitas e vazias. Simone é um homem que vê antes de tudo a realidade, os fatos, interpreta-os racionalmente, aprofunda-os, mede-lhes a ação, tira deles conclusões que não podem ser outras. E' o historiador. E ninguém nunca nos contou quem foi André Simone. Ele mesmo mostra o que é através das páginas vivas, sem exageros, nem pessimismos ou otimismo, de seu livro "J'acuse", que foi traduzido no Brasil com o título "Derrocada de uma Nação".

Talvez nem um nem outro título digam tudo quanto é o livro. André Simone acusa, de fato, e com fatos, os homens que traíram a França, todos os responsáveis diretos ou indiretos, conscientes ou inconscientes pela nazificação desse país extraordinário e digno de melhor sorte. Mas, além de acusar, faz muito mais e muito melhor: analisa todas as principais crises que atravessou o país antes da Guerra, suas causas e consequências imediatas e futuras, ainda, muitas delas. Traça o retrato de alguns

dos donos da França, friamente, reconhecendo todo o lado bom ou mau do retratado. Assim, quanto a Leon Blum. Reconhecendo-o, embora, Simone, como um dos maiores culpados pela desgraça da França, não deixa de dar-lhe os meritos



Pierre Laval

que indiscutivelmente possui. Blum era antes de tudo um fraco. Mas o mais interessante desses retratos é o do homem que melhor representa a burguesia francesa

atual — que é a mesma de antes da guerra — Pierre Laval, o homem da gravata branca.

Laval é um homem sem ilusões, sem escrúpulos, sem ideais. Seu cinismo anda de boca em boca, juntamente com a rudeza própria dos de sua terra natal, e com a sua predileção pelas negociações escabrosas. Sua astúcia instintiva, sua absoluta falta de escrúpulo e sua rápida percepção dos pontos vulneráveis dos seus adversários, formam a viga mestra do seu caráter. Obteve o primeiro posto num gabinete por uma combinação esquerdista, em recompensa à sua ação conciliadora entre Painlevé e Briand. Foi premier pela primeira vez em 1931. Desde aí, praticamente, tem sido indicado com preferência como candidato em todas as crises ministeriais.

Por anos a fio, usou a mesma gravata branca lavável. Alguns atribuíam isso à sua avarícia. Outros a uma questão de publicidade. E ainda outros dizem que ele precisa ao menos de uma coisa limpa sobre o corpo. Um deputado socialista interrompeu um discurso de Laval na Câmara com esta frase:

"Dejearia que as suas mãos fôsem tão limpas quanto a sua gravata!"

# O Engenho Como Centro De Civilização

MANUEL DIEGUES JUNIOR

Ao senhor de engenho cabe na historia da civilização brasileira um papel relevante. Foi ele o verdadeiro aristocrata colonial. Sua posição na historia do Brasil é por isso mesmo daquelas a que não se atinge sem muito esforço. Tudo nele evocava o traço de aristocrata que a riqueza do açúcar lhe conferia.

O conselheiro João Alfredo traçou do Barão de Goyana, um dos mais finos senhores de engenho de Pernambuco, um perfil que pode ser adaptado, nos seus altos e baixos, a todos: "O barão, sumamente ativo, madrugador, estava em pé e em movimento ao romper d'alva; ás oito da manhã já tinha ordenado todos os serviços do dia, assistido ao começo de alguns, percorrido os edificios, engenho, oficinas, enfermarias, cavalariça, estabulo, currais chiqueiro e galinheiro, e falado ao cosinheiro para saber ou dizer os pratos do almoço e do jantar".

Em linha geral este o perfil dos senhores de engenho. Homens que gostavam tambem da mundaneidade, com sua sala e mesa cheias, promovendo passeios e divertimentos, indo ás festas publicas com seu fraque ou casaca, os senhores de engenho frequentavam á igreja, o juri, ás recreações, acompanhavam-se de pagens com suas vestimentas vistosas. O povo os saudava com deferencia quasi filial; sabendo seus nomes e apelidos e os ligando aos do engenho de que eram donos, numa intimidade característica: coronel Paulo Cavalcanti de Itapirema, Amaro Gomes de Tracunhaem, Seu Lulú de Maré, Dr. Oiticica de Mundaú, major Lipês de Jundiá, Joca do Pindobal.

O senhor de engenho creou assim uma modalidade de aristocracia, de par com um regimen quasi feudal. Isso, porém, não lhes tira aquela onda de simpatia com que os olhamos; onda proveniente, sobretudo, pelo que representam na historia brasileira, concorrendo para que o país pudesse se elevar á metropole, pudesse imprimir á sua formação um carater proprio, carater que ficou na civilização açucareira, por eles creada.

## CENTRO POLITICO

Eram os engenhos esteios do interesse politico dos seus proprietarios. Cada senhor de engenho era um chefe politico; o governo se sustentava neles, contando com o seu apoio e do seu pessoal. Eram tão donos desses movimentos da situação que, muitas vezes, eles proprios, senhores de engenho, provocavam movimentos armados. É sabido o caso dos irmãos Francisco, Luiz Francisco e José Francisco de Paulo Cavalcanti de Albuquerque, do engenho Suassuna, no Recife mais conhecidos mesmo pelo nome do engenho que o de familia. Nos principios do seculo XIX o coronel Suassuna levantou o seu pessoal e conspirou com os seus amigos num movimento ainda hoje pouco conhecido na historia, mas com traços românticos e misteriosos.

São senhores de engenho que em 1666 atentam contra o governador e capitão general de Pernambuco, Jerônimo de Mendonça Furtado, prendendo-o e expulsando-o para o reino, fato que o vice-rei, conde de

Obidos, lamentou como "um desalumbramento e desordem tão grande" e que a trova popular cantou:

"O Mendonça era Furtado  
Poís dos paços o furtaram;  
Governador governado  
Para o reino o despacharam".

São senhores de engenho que prestigiam a idea republicana de 1710, reagindo contra a colonia luzitana, numa luta cuja característica principal era a nobreza endividada jogando o engenho contra a cidade, os credores. São ainda senhores de engenho os patrocinadores do movimento de 1817, cujo foco foi o mesmo engenho "Suassuna", onde em 1801 surgiu a "conspiração dos Suassunas". As revoluções no nordeste — aí compreendidos motins, rebeliões, conspirações — são sempre feitas por senhores de engenho. Só a de 1849, a praiêira, diz Souza Bandeira, se apoiou no povo; as demais são impulsos de patriotismo das grandes familias.

## OS ENGENHOS E O FEDERALISMO BRASILEIRO

Foi em torno dos engenhos que se desenvolveu a politica brasileira. Em torno sobretudo dos senhores do engenho. São esses senhores absolutos em suas terras que aplicam justiça, distribuem direitos, gosam de privilegios perante os maiores. A politica rural implantada no Brasil, cresceu e se desenvolveu. Quando saiu do açúcar, deslocou-se para outro eixo tambem rural: o café.

O federalismo brasileiro, trazido nas cartas de doação das capitánias, tomou uma feição natural devido aos senhores de engenho. A unidade da colonia esteve sempre preservada pela força advinha desse equilibrio de relações entre o governo central e os proprietarios rurais. O federalismo que se creou na historia politica brasileira, tem a sua base na divisão das capitánias e foi tornado mais seguro pela influencia dos senhores de engenho. Estes, donos absolutos de suas regiões, deram ao federalismo integrado na politica brasileira o carater com que ele evoluiu e chegou até nós, cada vez mais arraigado na consciencia da nação. Não será paradoxo dizer que coube ao sentido emprestado ao federalismo brasileiro pelo senhor de engenho ser o elemento que assegurou a unidade nacional. Nem tanto a lingua, nem tanto a religião contribuíram para a unidade da obra federalista, segundo a realizaram os senhores de engenho: a independencia, a altivez, a dignidade e sobretudo o espirito contra a metropole quando esta usurpava os direitos de liberdade dos brasileiros.

## NUCLEO DEMOGRAFICO

O engenho era uma quasi-cidade. Era o nucleo demografico mais forte do periodo colonial, e ainda do imperial. Cada engenho, como os feudos da idade media, bastava-se a si mesmo. Mantinha-se economicamente, vivia socialmente, era centro de irradiação politica, cultural e até revolucionaria. Engenhos ti-

nham serraria, marcenaria, carpintaria. "De paus de lei — escreve Gilberto Freyre — como o jacarandá, o angelim, o pau-de-oleo, o sapucaia, o vinhatico, o pau d'arco é que se faziam: o madeiramento do edificio da engenho e da "casa grande"; as engrenagens para moer a cana; os carros de bois; as canoas; as caixas para meter o açúcar; os tirantes, frechaes, tesouras, pernas de asna; espigões, rodas de agua". Das obras da carpintaria Tollenre diz que são de uma execução perfeita. Planta-se mandioca para fazer a farinha.

A monocultura açucareira — foi o engenho disso a causa pela necessidade de maior numero de braços — concorreu para o aumento da densidade demografica do litoral. Densidade muito maior que na região sertaneja, que tem na pecuaria o seu caracteristico economico.

O sertão é o deserto. Nele a pequena densidade demografica, com pouco volume de população, accrescida da circunstantia do nomadismo imposto pelo pastoreio, cria a figura caracteristica dos desertos: o bandido. No sertão, tudo — a falta de justiça, a falta de educação, a falta de politica — (essa, até, já salientada no seculo XIX, pelo desembargador Rodriguez de Brito, como contribuindo para o despovoamento das lavouras) — a falta de saúde para o trabalhador, de higiene para a sua vida no lar, — tudo, no sertão, predispõe o homem para o banditismo. O caminho lhe está aberto no momento em que uma injustiça lhe é praticada. Não confiando nos homens confia em si proprio: na sua faca e na sua garrucha, que passam a ser os seus instrumentos de trabalho, quando em suas mãos poderiam estar para o proprio beneficio coleti-

vo o machado e a enxada. Tudo isso porque lhes faltou a carta de a-b-c e a taboada para educar-se e aprender a viver no seu meio. O ambiente o jogou no cangaceirismo; não ha por onde fugir. E' o que eles chamam, num desalento que reguma fatalismo: é o destino.

O banguê, se não cuidou nem educou o trabalhador, ao menos o fixou. Quero dizer: prendeu o aos canaviaes, danço-lhes um trabalho, amarrando-o á terra que ele trata com carinho e amor. Ao engenho coube ser o elemento fixador das populações no litoral. E serviu para crear uma sociedade de tipo fixo, com caracteristicas proprias e com sentido de progresso menos finalista, mas determinado pelas causas que cercam a evolução do açúcar.

#### A INFLUENCIA DO AÇUCAR

Foi assim o engenho, pelo seu esplendor, pela sua influencia, pelo prestigio dos senhores de engenho, eixo da vida brasileira da nossa evolução, das nossas ceilações. Foi o engenho, porque o engenho era o açúcar, e o açúcar condicionou a existencia social no Brasil. Nos primeiros seculos ele dirigiu a evolução historica, o rumo dos acontecimentos; depois a procura das minas de ouro e diamantes atraiu as populações costeiras, principalmente escravos, para o interior: Minas e São Paulo, sertão da Bahia, até que mais tarde, nos fins do seculo XVIII, o café começa a aparecer e a aparecer com impeto, dominando. Mas nem com a decadencia deixou o açúcar de dar aos senhores de engenho o prestigio do nome. Porque continuou sendo esteio da vida nordestina.

## Congresso Internacional De Poesia

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Provisoriamente não cantaremos o amôr,  
que se refugiou mais abaixo dos subterraneos.  
Cantaremos o mêdo, que esterilisa os abraços,  
não cantaremos o odio, porque êste não existe,  
existe apenas o mêdo, nosso pai e nosso companheiro,  
o mêdo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,  
o mêdo dos soldados, o mêdo das mães, o mêdo das igrejas,  
cantaremos o mêdo dos ditadores, o mêdo dos democratas,  
cantaremos o mêdo da morte e o mêdo de depois da morte,  
depois morreremos de mêdo,  
e sobre nossos tumulos nascerão flôres amarelas e medrosas.

### O IMPERIALISMO E A PAZ

Aos imperialismos preocupa-lhes tanto a paz como a guerra. Que tipo de paz lhes convem?

Não lhes preocupa o interesse de paz no mundo. Preocupa-lhes a paz imperialista, ou seja, a imposição ao mundo de sua supremacia. Si vencer o grupo anglo-americano teremos um novo Ver-

salhes, com a diferença de que desta vez será Wall Street o beneficiado. Da parte dos imperialistas alemães a coisa é exatamente a mesma. Basta olhar para a França, Holanda, Dinamarca, Belgica, Iugoslavia e para os povos por eles submetidos, para

perceber-se. Os imperialistas de um ou outro lado, responsaveis por esta guerra monstruosa, são incapazes de assegurar ao mundo uma paz democratica e popular, baseada na independencia das nações. A paz dos povos, a verdadeira paz, será imposta pelos povos mesmos.

# Poetas Afro-Cubanos

ERNESTO MORALES

Eu também canto a América.  
Eu sou o irmão negro.

Langston Hughes

O negrismo foi primeiro uma modalidade pitoresca. Há dois lustros, na Europa, se cultivaram as musas negras, como no tempo dos Goncourt se cultivou o japonismo: raridades que atraíram por sua curiosidade. Porém o negrismo, na América, é uma coisa bem distinta, sobretudo nos Estados Unidos e em Cuba. É a expressão de uma alma, e tem raízes folclóricas. O negrismo dos poetas de Cuba, por exemplo, não é simples exotismo. Essa linguagem não é um capricho literário: expressa com precisão o espírito de uma raça, assimilada a seu meio americano, até identificar-se com ele.

Mesmo quando cultivado por poetas de raça branca, e apesar de nem todos os poetas de raça negra se expressarem com tal modalidade linguística, o negrismo pode apresentar, em Cuba, um conjunto de poesias de tão alto mérito que bem merece carta de cidadania na república da arte. Além disso, os nomes de Guillén, Arozarena e Villa, entre os poetas de raça negra, e os de Guirao, Ballagas e Tallet, entre os brancos que cultivam o negrismo, formam um conjunto que se impõe à nossa admiração.

Em dois livros estava recopilada a poesia dos poetas negros da América: o que publicou o cubano Emilio Ballagas, "Antologia de la poesia negra hispano americana" (1935), e o do uruguaio Ildefonso Pareda Valdés, "Antologia de la poesia negra americana" (1936), estando incluídos nesta também alguns poetas norte americanos e brasileiros.

A estes livros veio juntar-se a recopilación do cubano Ramón Guirao, "Orbita de la poesia afrocubana" (1938). O plano desta antologia é diferente do daquelas, pois nela se incluem, não só os poetas negros ou mulatos, como também aos de raça branca que escreveram poesia negrista com temas e linguagem característicos.

Cuba teve sempre meritorios poetas de côr: Gabriel de la Concepción Valdés ("Plácido"), fusilado por ser patriota; Francisco Manzano, que pela mesma causa sofreu uma larga prisão e viu queimados seus manuscritos; José del Carmen Díaz, Agustín Baldomero Rodríguez, Ambrosio Echemendía, Antonio Medina, Juan Bautista Estrada, Vicente Silvera; porém todos escreveram em espanhol. Em "Plácido", o mais conhecido fora de seu país, com sua "La flor de la cana", que mereceu o elogio de puristas como nosso Calixto Oyuela, e Francisco Manzano, em sua silva à "La música" ou sua ode à "La luna", não aparece nunca o negro.

Semelhante fenômeno ocorre com os demais poetas. Porém no ano de 1928, três poetas brancos, Ramón Guirao, José Zacarías Tallet e Alejo Carpentier, publicaram poesias negristas. E desde então inicia-se um vigoroso movimento poético que já produziu poetas de origem negra de

tanta importância como Nicolás Guillén, Marcelino Arozarena e Ignacio Villa.

Entre os dois grupos, poetas negros de hoje que escrevem em "negrista", e aqueles de ontem, negros que escreviam em espanhol, podemos situar Regino Pedroso, negro que, embora escreva em espanhol, o faz profundamente identificado com os homens de sua raça e de sua terra.

Regino Pedroso nasceu em 1898, em Cuba, já publicou um livro: "Nosotros". Sua inclinação para o problema negro não lhe veio desde o primeiro momento. Ao iniciar-se, o fez com uma poesia refinada, de burilador de rimas. Porém cedo, sua voz robustecida ao contato dos seus, — da dôr dos seus — se humanisa. Canta, então, o "Hermano negro":

*"Negro, hermano negro,  
tú estás en mí habla!  
Negro, hermano negro,  
yo estoy en ti: canta!  
Tu voz está en mi voz,  
tu angustia está en mi voz,  
tu sangre está en mi voz...  
También yo soy tu raza!"*

Em sua autobiografia, ao definir seu mundo mental, nos diz: "Ideologia: filho da América". Esta frase proclama sua identificação com o meio com uma eloquência desembaraçada.

Nicolás Guillén, nascido em 1904, pretende seguir estudos regulares, porém não termina sua carreira de direito. Veio-lo de tipógrafo e logo de jornalista, colaborando desde os 16 anos em revistas literárias. Dirige "Mediodía" e é um dos fundadores da Sociedade de Estudos Afrocubanos. Seu primeiro livro, "Motivos de son" (1930), o incorpora ao negrismo poético; logo "Sóngoro Cosongo" (1931) atrai sobre ele a crítica e a tradução estrangeiras. Afirma seu prestígio com novas obras: "West Indies Ltd" (1934), "Sones para turistas" e "Cantos para soldados" (1937), e "Españá, poema en cuatro angustias y una esperanza" (1937).

A poesia de Guillén justifica a afirmação de Juan Ramón Jiménez: "A poesia negra e social deram aqui mui belos exemplos". O pitoresco, que foi a primeira característica de Guillén, parece haver cedido ultimamente a uma aspera poesia civil. E quais são seus temas? Uma negra exigindo que seu homem procure dinheiro, pois já está cansada de viver a "arró con gayeta, na má"; um negro que zomba de um mestiço, neto de negra, que o chamou de negro: outro que satiriza a quem, abordado por uma americana, esqueceu seu inglês e não sabe dizer "yes"; outro que diz a uma mulata que com sua negra está contente... Temas simples e populares, porém realizados com graça tão singular, com tão fresca poesia, que encantam. O musical é um elemento imprescindível desta poesia, isenta em Guillén do sensual, que é elemento quasi comum em todos os outros poetas.

## 14 SEIVA

Els aquí este "Canto Negro", bem característico:

"Yambambó, yambambé!

Repica el congo solongo,  
repica el negro bien negro  
congo solongo del Songo,  
baila yambó sobre un pie,  
Mamatomba,  
serembe cuserembá.

El negro canta y se ajuma,  
el negro se ajuma y canta,  
el negro canta y se vá.

Acuememe serembó,  
acé,  
yambó,  
acé.

Tamba, tamba, tamba, tamba,  
tamba del negro que tumba;  
tamba del negro, caramba,  
caramba, que el negro tumba:  
yamba, yambó, yambambé!"

Marcelino Arozarena, nascido em 1912, é mestre escola como Ignacio Villa, nascido em 1902. Nenhum dos dois publicou livros, e o ultimo, além do mais, é musico; o elemento musical é em ambos importantissimo. Canta Arozarena:

"Tiempla los cueros, José Caridá;  
llama a tu ecobío que baile el bembé;  
que mueva la grupa,  
que estire los pies,  
que salte,  
que grite,  
se agache, se pare y se vire al revés..." L

O som de rumba é evidente no ritmo destes versos; um halito quente os movimenta, porém, a sensualidade não é tão essencial, observo, na poesia dos poetas de raça negra, quanto na dos brancos que escrevem como negros. Talvez por um explicavel fenomeno de mimetismo, estes — os brancos — exagerem a nota. Ramón Guirao, em sua "Bailadora de rumba", José Zacarias Tallet, em "La rumba"; Emilio Balagas, em "Elegia de Maria Belén Chacón", por exemplo, nos dão calidas e coloridas visões de amor tropical. Assim Ballagas, em sua canção "Para dormir a un negrito", revela uma ternura e brandura que comovem:

"Drómíti mi nengre,  
drómíti ningrito.  
Caimito y merengue,  
merengue y caimito.

Drómíti mi nengre,  
mi nengre bonito.  
Diente de merengue,  
bemba de caimito!

Cuando tu sia glandí  
ba a ser bostador...  
Nengre de mi bida,  
nengre de mi amor...

(Mi chibiricoquí,  
chibiricocó...  
Yo gualda pa ti  
tajá de melón!)

Si no caya bemba,  
y no limpia moco,  
le bá abri la puetta  
a Bisente é loco.

Si no caya bemba,  
Te bá da é gran sutto.  
Te bá yebá é loco  
dentre su macuto.

Ne la matá e guira  
te nama sijú.  
Condió en la puetta  
etá é tatajú...

Drómíti mi nengre,  
cará e bostador,  
nengre de mi bida,  
nengre de mi amor.

Mi chibiricoco,  
chibiricoquito,  
chibiricoquito.  
Caimito y merengue,  
merengue y caimito.

A' hora yo te acuetta  
lá maca e papito  
y te mese suave...  
Dúce... depasito...  
y mata la pugga  
y epanta moquito  
pa que droma bien  
mi nengre bonito...

Esta poesia dialetal, de tão profundas raizes populares, tem — e não podia ser de outro modo — antecedentes folkloricas. Ocorre com a norte-americana em seus cantos "spirituals" e em seus cantos de trabalho, e com a cubana em suas canções, chegadas seguramente da Africa e adaptadas ao meio americano. Vá como exemplo este "Canto funeral".

"Cundinguí,  
cundinguí,  
dín, dín, dín!"

Bamo llorá  
muetto pobre.  
Manana toca mí,  
pasao toca tí.

Cundinguí,  
cundinguí,  
dín, dín, dín!"

A "Orbita de la poesia afrocubana" que seu antologista precede de um esclarecido prologo, é um livro realmente importante. Exibe ante os demais povos da America a presença de um movimento poetico original, e como, nesta hora dura para a terra de Martí, seus poetas foram extrair das entranhas amadas da terra, a seiva de uma arte renovadora. O primitivismo africano se complica neles com as inquietações da vida moderna, e a ingenuidade onomatopaica do avô secular adquire uma musica e um ritmo alucinante nas estrofes do seculo XX de seus netos americanos.

# RUMBA

RUBEM BRAGA

Maní...

Ouvi novamente essa rumba já velha em um "short" magnífico, onde uma tresloucada e perfeita bailarina saltava diante de um "jazz" alucinado. Maní...

A gente carece meditar bastante nessa musica e em todas essas musicas que a pobre Cuba vai exportando com mais proveito que o açúcar de suas usinas. Oh, a Perola das Antilhas! Havana, charutos de Havana, ruas alacres de Havana, desperdícios dos governos, palácios, casinos de Havana. Os dolares rolam sobre as "carreteras" deslumbrantes, os embaixadores são odiados, o povo grita e mata, as revoluções rebentam, como flôres rubras e tropicais. Maní... A rumba continua. E é uma rumba feita de sangue e de ideais desvairados, onde os sargentos viram generais, as greves estalam e de repente não ha agua, não ha luz, as multidões morenas começam a marchar sob as fuzilarias sem explicação. Então se afirma que dois navios de guerra encostaram ao porto com mil fuzileiros navais, e talvez os rebeldes inesperados desembarquem no meio da noite. O governo toma medidas energicas, envia tropas, proíbe, declara, proclama, foge, e as tropas vão e voltam, se encontram, se matam. Os cartazes trucidam os plutocratas, as metralhadoras alvejam a emenda Platt, a Junta se reúne, os operarios se revoltam, as guarnições se desmantelam e ha segredos terriveis que nunca serão revelados. Maní... Um padre apareceu assassinado, a terrorismo irrompe, mas ás duas horas da madrugada se verifica que está reinando completa paz, enquanto um avião bombardeia não se sabe onde. Combina-se um decreto no Grande Hotel Nacional mandando fechar a Universidade, mas não se pode, porque os estudantes estão lá dentro atirando heroicamente. Então se reabre a Universidade, mas os estudantes estão nas trincheiras dos canaviais e os operarios trucidam os mercenários, os jornais empastelados resurgem e os telefones são cortados.

No entanto, aquela bailarina baila, está dansando demasiado viva e sensual, os seus braços são cobras sob as palmeiras que farfalham, nas suas veias corre um sangue que jamais deveria ser derramado, e o seu corpo moreno jamais deveria ficar imovel. Ela dança, e de seus cabelos assanhados sai o perfume dos unguentos violentos e seus labios me parecem tão vermelhos que o sangue estala sob a mucosa fina. Ainda bem, meu irmão, que nesta rumba não temos socego para olhar bem seus olhos que talvez nos dissessem a verdade sobre os abismos indiziveis da ternura e do sonho. E ainda bem que ela não veio toda nua, porque a propria rumba perderia o controle de seu corpo e de suas pernas indigenas e alucinantes e de seus pés que são azas de fogo bronzeado bailando sobre o chão heroico. Ainda bem que ainda temos tamanhas esperanças de tomar parte em milhares de revoluções.

Dorothy Thompson  
Fala A Verdade

Dorothy Thompson não é somente a esposa do famoso romancista da burguesia norte-americana, Sinclair Lewis, não é apenas a mulher do autor de "Babbit". É, também, e principalmente, uma valente jornalista que defende a democracia dos Estados Unidos com o mesmo ardor com que Henry Ford vende armamentos e aviões de combate á Grã Bretanha e á Alemanha. Dorothy Thompson, naturalmente, é contra o comunismo da mesma jórma que é contra o nazismo. Por isto mesmo Dorothy Thompson está mais do que autorizada para escrever as palavras que se vão ler e que constituem uma opinião insuspeita sobre a base da democracia anglo-americana:

"Quanto ao Japão, ainda estamos numa guerra civil entre nós mesmos, com 99% do povo norte-americano ao lado dos chineses, enquanto uma pequena minoria ainda continúa a mandar ferro e petroleo para o Japão, afim de tornar o nosso auxilio á China impraticavel. Estamos assim tendo uma guerra entre nós mesmos na Asia. Agimos ficando inimigos da Russia e do Japão e tornando a China impotente. Demos também combustivel para a propaganda do Eixo, dizendo que esta guerra é uma guerra de plutocratas. E justificando nossos erros dizendo:

"As Democracias são assim".

Si fôsse esse o caminho no século XVIII, não haveria hoje nenhuma democracia".

(Do "Estado da Bahia", de 26 de maio de 1941).



## O Artista De Cinema Douglas Fairbanks E A Propaganda De Guerra

O imperialismo norte-americano lançou-se numa ofensiva pouco comum para decidir a opinião publica latino-americana em favor da guerra. Para isso, envia para cá embaixada de todo tipo: de financistas, comerciantes, escritores e artistas. Mas é em vão. As tristes peregrinações do astro de Hollywood por esta America, o prova. Nem a preparação ruidosa de sua viagem, nem o escandalo da imprensa bem remunerada, conseguiram dar calor popular á sua visita. Afóra a agitação de algumas solteironas, nada comprova o exito da viagem do ator semi-diplomata.

O povo anda desconfiado...

# A Biologia E A Interpretação Moderna De Alguns Fenômenos Sociais

VIRGILIO CAMACHO P.

É frequente em nosso meio ouvir certas pessoas comentarem a posição das ciências biológicas em relação com a corrente geral de idéas novas, e formular-se esta pergunta, a que se imprime um certo matiz ironico: — Que tem que ver a biologia com a interpretação de certos fenômenos sociais?

Desgraçadamente esta pergunta não só inquieta a pessoas alheias por completo á biologia, como á muitas que estão diretamente ligadas a esta disciplina científica.

A causa desta desorientação é perfeitamente explicavel, pois nos atinge aquele erro, aquella forma de interpretar o aspéto filosofico da biologia, que tanta influencia teve no passar dos seculos; pois ainda temos fortes naturalistas influenciados pelo creacionismo e finalismo, com seus metodos rigidos de descrição, que vêm em todos os organismos e fenômenos biologicos algo permanente e isolado dos demais fenômenos do universo e regidos por uma força ou espirito vital que é para estes criterios a essencia de tudo.

Esta forma de pensar é que tem detido a marcha ascendente do conhecimento humano, substituindo a ciencia pela superstição.

Em contraposição a esta maneira de entender as coisas, surgiram no seculo passado novas idéas, as idéas evolucionistas expostas por Lamarck, Saint-Hilaire, Darwin, etc. Este acontecimento vem justamente reafirmar o processo dialético da historia e dos fenômenos, de que nada existe no universo definitivo e permanente, senão que tudo está sujeito a mudança constante, determinada pelas forças e fenômenos sempre em movimento que intervêm na estrutura dos organismos e do cosmos em geral.

Não falarei de maneira especial no relativo ao evolucionismo e determinismo, pois já ninguém pode pôr em duvida estes principios, tantas vezes comprovados e analisados, que somente poderão negar as pessoas que se empenham em não querer entender as coisas. O que tratarei em seguida é de explicar, com alguns exemplos, como podem as ciências biologicas, estudadas dentro do Materialismo Dialético, disciplinar o pensamento do individuo para interpretar alguns fenômenos sociais, que despertam interesse, por serem de palpitante atualidade, e que muitos supõem succeder por obra da fatalidade. Escolherei como tema o relativo á divisão celular, analisando as causas que determinam este fenômeno.

Segundo a teoria exposta por Spencer, a causa fundamental que intervem na divisão celular é relativa á rutura do equilibrio que deve existir entre o volume da célula e sua superficie. Sabemos que uma célula bem nutrida cresce. Mas, este aumento da massa celular não tardará em provocar uma perturbação no metabolismo geral da célula, que paradoxalmente a levará a um fenômeno contrario ao crescimento como é a divisão. É conve-

niente fazer notar que as células que mais se dividem são as que têm em geral uma forma esferica ou poliedrica, como se observa nas embrionarias, donde se deduz que a forma que menos favorece a estabilidade da célula é a esferica, já que enquanto o volume aumenta como os cubos, a superficie aumenta como os quadrados.

A célula cresce somente durante o periodo "intercinetico", já que chegado certo limite de crescimento se rompe o equilibrio entre o volume e sua superficie, produzindo-se uma crise por defeitos no metabolismo, crise que se canaliza até á divisão, fenômeno contrario ao crescimento. Esta crise nos fenômenos metabolicos é ocasionada porque sendo a superficie dos corpusculos o unico sitio de intercambio com o meio, chega a ser insufficiente em virtude do anteriormente exposto, para dar entrada e saída ás substancias que renovarão a estrutura sempre renovada de cada uma das miscelas do coloide.

Isto provoca uma alteração profunda no estado fisico-quimico da célula, que a levaria a destruir-se se não se resolvesse o problema até a divisão, formando-se duas células, naturalmente menores. Restabelece-se novamente o equilibrio entre o volume e a superficie, tendo a célula uma vida normal enquanto se mantem o dito equilibrio, que volta a romper-se ao aumentar seu volume, em virtude da nutrição, operando-se este fenômeno numa forma ciclica, com uma maior ou menor duração, segundo as modificações que sofrem os fatores que intervêm no dito fenômeno.

Acho necessario, não obstante, analisar como succedem as coisas no interior das células desde um plano estritamente fisico-quimico: ao provocar-se a crise por defeito de nutrição, podem formar-se como consequencia em seu interior, centros de catabolia e anabolia, modificando-se a pressão osmotica, tendo cada um destes centros uma pressão osmotica distinta, o que dá lugar a fenômenos de difusão perfeitamente demonstraveis em experiencias simples de laboratorios.

Na parte da célula onde estão localizados os centriolos haverá centros de catabolia com uma pressão osmotica elevada. No centro da célula haverá focos de embolia com uma pressão osmotica baixa. Quer dizer: temos zonas hipertonicas e zonas hipotonicas, operando-se um fenômeno de difusão que vai da zona anabolica e hipotonica até a zona catabolica e hipertonica. Como os centros hipertonicos estão localizados nos pontos onde se encontram os centriolos e o hipotonico, no lugar que ocupa a massa cromatica, referindo-se ao caso particular da cariocinesis, resulta que a massa hipotonica se difundirá até as massas hipertonicas, terminando com uma separação completa e a constituição de duas novas massas absolutamente independentes.

Apliquemos agora o metodo com que temos analisado a divisão celular ao estudo de alguns fenômenos sociais.

Muitas pessoas, ao referirem-se ao problema atual da humanidade, dizem que sempre houve guerras, e que nada poderá evitá-las, não faltando quem diga que são necessárias. Nisto têm razão, si se pensa seguir vivendo dentro das contradições do regime capitalista atual. As guerras imperialistas, assim como todas as crises internas dos povos são determinadas por fatores de ordem economica, como também, ás vezes, são determinadas pela livre concorrência do regime social imperante. Analizemos, de relance, a crise economica que sofreram todos os países no ano de 1929.

A técnica aplicada á produção, alcançada pelos países capitalistas e usada somente com fim de lucro, teria que levá-los indubitavelmente á crise e á bancarrota. Vemos aqui aplicado novamente o principio dialetico de que todas as coisas levam em si mesmas sua propria destruição. O emprego da maquina com a ausencia absoluta da economia dirigida aumentou a produção, saturando os mercados e desempregando milhares de operarios. Logo, era fatal fazer sentir-se o fato de que havia excesso de produção, e em troca o poder aquisitivo das massas trabalhadoras diminuiu, pondo em claro esta contradição do regime.

Aqui vemos que, como no caso da célula, rompe-se o equilibrio que deve haver entre a produção e o consumo, pois aumentou o volume da produção e diminuiu, de acôrdo com o sistema economico atual, o consumo, desde quando somente é dado faze-lo ás pessoas que estão capacitadas para isto, ou seja, as que tenham dinheiro, como no caso da célula que aumentou com o crescimento do numero de miscelas e diminuiu o poder renovador, de modo a desequilibrar-se volume e superficie.

Estas crises economicas traduzem-se por perturbações internas dos povos e pela agudeza das lutas imperialistas que querem resolver o problema sem atacá-lo no amago, tratando de conquistar novos mercados, resultando isto, sempre em lutas armadas que nada fazem sinão agravar mais a situação. Falam numa paz baseada no poder das baionetas, aumentando ainda mais as suposições de guerras, e cada vez mais se aproximando da catastrophe, já que empregam o trabalho de milhares de homens na fabricação de elementos de destruição, que não trazem nem um beneficio á economia e que, pelo contrario, a desequilibram ainda mais. E' aí que os defensores do sistema capitalista opinam que são necessarias as guerras para que diminua a população e volte a estabelecer-se o equilibrio; quando em realidade o que se deve fazer é controlar duma maneira total, tanto local como mundial, os meios de produção para que a maquina não se converta no peor inimigo do homem, mas, pelo contrario, sirva para diminuir suas horas de trabalho sem lesar seu poder aquisitivo, deixando-lhe horas livres para cultivar-se e levar uma vida digna, eliminando por completo a exploração do homem pelo homem.

Em certos fenomenos naturais não controlados pelo homem, opera-se um chamado "equilibrio de povoação" no qual se observa numa forma crúa o aspéto com que, num criterio não humano o defendem os partidarios do regime capitalista.

Quando duas especies de animais vivem proximos e uma delas serve de alimento á outra, vemos como numa forma ciclica aumenta e diminue a povoação das respectivas especies. Por exemplo,

numa zona onde haja ostras é frequente a presença de estrelas do mar, já que estas se alimentam daquelas e vemos pouco a pouco aumentar o numero de estrelas do mar, em virtude da circunstancia de que o meio lhe é favoravel, e por conseguinte diminue paulatinamente o numero de ostras. O aumento das estrelas do mar não é indefinido, pois sempre tem seu limite, começando logo a decrescer. Quando começa esse decrescimento? Quando já está diminuindo o numero de ostras que constituem o alimento favorito do equinodermo e então, devido á limitação do sustento, aparece uma crise na população das estrelas do mar e quasi chegam a desaparecer por completo, traduzindo-se isso num aumento paulatino das ostras, que começam novamente a ser devoradas pelas estrelas do mar que poderam resistir, operando-se o movimento já descrito.

Este fenomeno se repetirá indefinidamente em igualdade de condições, já que estes seres estão incapacitados para intervir concientemente em sua modificação, pois seria de todo impossivel conciliar os interesses das estrelas do mar com os das ostras.

Os defensores do regime capitalista fazem seu este principio natural e o aplicam nas relações humanas, no sentido de que sempre haverá ricos e pobres, debeis e fortes, e que, necessariamente, nós temos que fazer o papel de senhores ou amos, e outros de servidores, ignorando ou fingindo ignorar que nas sociedades humanas varia muito esta aspéto, pois o homem com sua inteligencia está capacitado para transformar o meio e dominar muitas forças naturais que vêm melhorar suas condições de vida.

Neste aspéto de melhoramentos técnicos, o homem progrediu bastante, porém desgraçadamente os que ainda governam o mundo não quiseram aplicar a técnica á exploração das riquezas naturais em bem de todos, pois que persistem na idéa de explorar o trabalho das maiorias em beneficio das minorias que detêm o poder.



## 1º ou 15 de Maio?

Em comemoração do cinquentenario da enciclica "Rerum Novarum" realizou-se, entre muitas outras coisas, o 1º Congresso Brasileiro de "Direito Social", em São Paulo. Sem repercussão nos meios juridicos da capital bandeirante, este congresso de "direito social", (direito do trabalho) caracterizou-se pelas restrições ás conquistas do trabalhador nacional, frutos de muitos anos de luta. Assim, por exemplo, ficou resolvido que o dia do trabalho passaria de 1º a 15 de Maio (aniversario da enciclica). E' o caso de perguntar-se: Que têm os trabalhadores com a enclica "Rerum Novarum", da qual eles nunca tiveram noticias?

Entretanto, o 1º de Maio é uma data universalmente conhecida e festejada por todos os trabalhadores. E' muito desrespeito aos trabalhadores nacionais, tal pretensão!

Em obediência ao plano de difusão do crédito para o devido incremento das nossas riquezas naturais e a necessária expansão do financiamento às atividades econômicas do país, através de sua Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, a atual administração do Banco do Brasil vem criando e instalando inúmeras agências e sub-agências. Segundo o programa traçado, essas agências e sub-agências estão sen-

do de se notar que o Amazonas se encontra com 294%.

Em se tratando da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, a nossa situação é inteiramente a mesma. Não se pode dizer que, apesar ainda de suas deficiências, essa Carteira de Crédito não venha contribuindo para o desenvol-

## PROBLEMAS

ço da carne hoje é um preço proibido. Mas, o interessante é que se procura exportar carne para os fautores da guerra... Toda a lavoura baiana está em crise: o cacau, a cana de açúcar, a mandioca, a mamona, o café e o fumo. E' que somente a terra não basta. E' preciso mais. O capital, por

# A IRRADIAÇÃO DO

do disseminadas metodicamente por todas as zonas econômicas do vasto território nacional.

Felizmente agora a Bahia foi também contemplada. Chegou até o nosso Estado, afinal, o reflexo dessa nova política da nossa mais importante instituição de crédito. Com efeito: para 150 municípios baianos que existem atualmente, o Banco do Brasil só mantinha uma agência na Capital, com uma rede de oito agências no interior. Seria, portanto, cada agência servindo para um grupo de cerca de 18 a 19 municípios. E' assaz restrito e acanhado. E é preciso notar que os empréstimos às nossas atividades econômicas têm sido mesmo insignificantes. No decurso de 1939 o valor da assistência do Banco do Brasil à produção e ao comércio atingiu a 1.232.000 contos, enquanto a importância relativa ao ano de 33 foi de 894.000 contos. Mas, essa expansão, realmente acentuada, pouco atingiu, ou quasi nada atingiu a Bahia. Sinão vejamos: essa expansão dos empréstimos ultrapassou 50% em cinco unidades federativas, em onze superou 40% e para as seis restantes não alcançou 30%. Entre essas seis unidades federativas onde a expansão se inferiorizou a 30%, encontra-se a Bahia com a porcentagem insignificante de 15%. Abaixo dessa porcentagem acha-se apenas o Estado de Alagoas. Todos os outros Estados estão com as suas porcentagens superiores, sen-

# NO INTERIOR

vimento dos empréstimos á agricultura, á pecuária e á industria. Basta vêr, que até 1938 haviam sido realizados 1.050 financiamentos, no valor de 98.000 contos, sendo 1.021 rurais, no valor de 18.000 contos; já em fins de 1939 esse numero subia a 4.344, no montante de 393.000 contos. Esses créditos assim se distribuíam: 4.272 rurais na importância de 316.000 contos, e 72 industriais, na de 77.000 contos. No entanto, apesar de não conhecermos as estatísticas, podemos dizer que essas operações não existiram para o Estado da Bahia. Não sabemos os motivos. Mas o que é certo é que nem a nossa lavoura; nem a nossa pecuária, nem a nossa industria foram beneficiadas. Se fossem, talvez não se encontrassem em situação tão lastimável e desesperadora como se encontram. Na verdade, o que diz respeito ás fontes da riqueza baiana, se encontra tolhido e imobilizado. O nosso parque industrial é incipiente. Não temos novas industrias. O que existe, já vem de um passado bastante remoto. A pecuária não se desenvolve, tão pouco. Não temos rebanhos suficientes para suprir as nossas necessidades vitais. O pre-

exemplo. Seria interessante que a administração do Banco do Brasil publicasse a estatística do movimento dessa Carteira de Crédito em nosso Estado. Em todo caso, pode-se dizer que os créditos assim se distribuíam, por produtos no ano de 1939: 74.000 contos, para o café, ou seja uma porcentagem de 32%; a cana de açúcar obteve 55.000 contos, sendo a porcentagem de 23%; para a pecuária coube 40.000 contos, sendo 17%; o arroz, 31.000 contos com 13%; o algodão, 19.000 contos tocando, portanto, 8%; para a fruticultura houve a porcentagem de 2%, com 5.000 contos; a mandioca, 5.000 contos cabendo também 2%; e 7.000 contos para produtos diversos, com 3%.

O financiamento do café deve ter sido para os principais produtores. O da cana de açúcar foi, principalmente, para a adubação e as obras de irrigação que têm sido realizadas no Nordeste. Os empréstimos para a pecuária, "se destinaram, segundo o proprio Relatório do Banco, em sua maior parte, á compra de reprodutores e de animais plantel — para melhorar a de bovinos, equinos, suínos e lanígeros — bem como a aquil-

# DA BAHIA

sição de gado, para engorda". O financiamento do arroz tem sido para o desenvolvimento dessa cultura no sul do paiz. O do algodão também não nos atingiu, uma vez que a nossa produção é ainda muito diminuta e quasi de todo abandonada. A fruticultura na Bahia não tem tido o ampa-

localizadas no interior. Estão em pleno funcionamento, realizando operações bancarias e financiamento á lavoura e á pecuaria, as agencias e sub-agencias de Ilheus, Itabuna, Jequié, Feira de Sant'Ana, S. Felix, Santo Amaro, Joazeiro, Mundo Novo e Jacobina. E devem ser brevemente instaladas

rurais, de acôrdo com o decreto nº 2.611. Mas, podia-se ter uma porcentagem mesmo de 6% ou 5%. Seriam taxas mais modicas e que determinariam uma maior procura. A sua ação se faria sentir mais eficientemente. E assim satisfazia melhor os imperativos de uma economia em desenvolvimento. Em se tratando das facilidades das operações ainda ha muito a desejar. A burocracia é um fato. As di-

# BANCO DO BRASIL

## DO ESTADO

ro necessario. Veja-se, por exemplo, em que situação se encontra a nossa produção de laranjas. Agora mesmo a mandioca está carecendo de financiamento, o que significa que ainda não foi devidamente contemplada. Talvez a economia bahiana haja sido beneficiada nesta classe de produtos diversos, onde os creditos foram de 7.000 contos. No entanto, esses 7.000 contos foram, principalmente, para o auxilio da cultura ou extração da oiticica, borracha, carnaúba, linho, trigo e herva-mate. Veja-se que não ha nenhuma menção á cultura do cacau. E o cacau é o 3º produto de exportação nacional. De dois outros anos para cá a sua produção vem sofrendo um certo decrescimento não só em quantidade, como também em valor comercial. Pode-se, pois, afirmar com precisão: para o Estado da Bahia ainda não existe financiamento ás atividades economicas.

Em todo caso essa situação agora parece que tende a se modificar. No proposito de favorecer o financiamento rural e industrial em nosso Estado, já foram instaladas pelo Banco do Brasil, algumas agencias e varias outras se acham criadas, sendo todas

as sub-agencias de Lençóis, Bonfim, Barreiras, Barra, Lapa, Canavieiras, Caetité, Conquista, Castro Alves, Nazaré, Amargosa, Itapira, Alagoinhas, Valença, Serrinha, Maracás, Poções e Rio Novo. E' realmente uma perfeita e precisa irradiação. Essa deliberação da nossa maior instituição bancaria no sentido de ampliar a rede de suas agencias e sub-agencias, pelo interior do Estado, constitui um especial serviço á disseminação do credito rural. Mas, não é tudo. Achamos que existem quatro fatores fundamentais para a garantia e a eficiencia de uma organização creditaria:

- 1º — descentralização;
- 2º — juros modicos;
- 3º — facilidade nas operações;
- 4º — popularização do credito.

Para o primeiro fator, ha um otimo principio. A rede de agencias e sub-agencias se amplia com alguma eficiencia. Aliás, já era tempo. E' preciso que estas sub-agencias sejam logo instaladas. Quanto ao segundo fator, não se pode dizer a mesma coisa. De fato, foi agora reduzido de 9% para 7% ao ano a taxa de juros sobre os financiamentos

ficuldades são imensas. Ha certos interessados que deixam de recorrer á Carteira de Credito devido aos grandes entraves existentes. Ainda não se facilitam as operações como deviam. E' preciso, pois, que se condenem os nossos atuais metodos de distribuição de credito. São de natureza por demais complexa. Redundam sempre em afugentar o proprio interessado. Portanto, torna se preciso uma radical modificação no atual sistema. Com referencia á popularização do credito é de se ver que se trata de uma questão ainda relegada a plano inferior. Não se cuidou ainda deste fator indispensavel para a eficiencia de uma organização creditaria. No entanto, tem um notavel alcance. E' a garantia da rigorosa aplicação do proprio financiamento. E' o veiculo que movimenta o credito até aos pequenos e medios produtores. São estes que mais devem merecer o maior amparo. E que seja sempre e cada vez mais amplo. Eles precisam de um eficiente amparo financeiro. Só assim pode haver perfeito desenvolvimento da lavoura.

Enfim, para o futuro de toda a produção é preciso que se observem esses quatro fatores fundamentais de credito. Assim requer uma boa economia. Assim exige uma tecnica eficiente. E, consequentemente, o progresso nacional. Permitem o fomento das riquezas. Facilitam a formação da verdadeira grandeza nos destinos brasileiros.

# A Unidade Nacional Da China Foi Golpeada

Os últimos empréstimos (o americano, por exemplo) á China trouxeram como resultado imediato a chacina realizada pelo Kuomintang, de quatro mil soldados da Quarta Nova Rota, sua debandada e a prisão de seu famoso comandante, o que significa um passo mais para o prosseguimento da guerra civil, da qual Chiang-Kai-Shek diz tomar as responsabilidades.

O "Herald Tribune", de Nova York, de primeiro de fevereiro, publica um largo e preciso editorial sobre o desenvolvimento destes acontecimentos, e termina dizendo:

"Nesta ocasião, quando o Japão se prepara para ir agir nos mares do sul, e quando os chinêzes deviam estar preparados em seu proprio interesse, como também no de seus amigos, para fazer todos os esforços afim de imobilizar a maior parte das forças japonêzas, no que seja possível, é de sentir, em verdade é de lamentar que estejam trabalhando para levantar uma encarniçada luta intestina. Nós confiamos em que Ching-Kai-Shek é demasiado grande para provoca-la e esperamos que seja bastante grande para controla-la".

Mas, apesar de tudo isto, o escritor do "Herald Tribune" não diz nem uma palavra sobre o que, com toda segurança, conhece, do porque Chiang permitiu um rompimento, a que até então e desde 1938 ele se havia oposto, quando a cooperação foi restabelecida. E' errado pensar-se que esse rompimento tivera sua origem somente na China ou em Chiang. Foi imposto ao Kuomintang, tanto de fóra como de dentro, e a pressão de fora veio do Japão, Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Os circulas governantes dos quatro países, apesar de suas discordias, concordaram em fazer pressão sobre Chiang para exigir a liquidação militar dos anti-imperialistas chinêses.

## PORQUE E' TRAIÇÃO OBTER VITÓRIAS SOBRE O INIMIGO?

A embaixada chinesa em Washington publicou uma nota em 21 de janeiro, dando uma explicação sobre a chacina e a debandada do Exército da Quarta Nova Rota. Este é um dos documentos de Estado mais extraordinarios da historia.

"Por desobedecer ordens militares e organizar um complot para uma revolução, é a acusação contra Teh Ting e seu exercito" Quais são as provas? Que o exercito da Quarta Rota, autorizado para manter 45 mil homens, havia alcançado tais exitos para suas filas, que haviam acendido a 500 mil, e o Waichiao-pu declara oficialmente que o Governo consi-



CHIANG-KAI-SHEK

dera seriamente como perigo iminente Teh-Ting e seu Exército terem alcançado, na luta contra os japonêses, "o estabelecimento de uma base em Nanking-Shanghai e Hanchow, formando assim uma area triangular para desafiar o Governo". Esta foi ganha, ou estava a ponto de ser totalmente tomada, na luta contra os japonêses e o regime de "Wang-Ching-Wey". Os exercitos do Kuomintang tinham perdido totalmente esta região, deixando-a em mãos dos japonêses, e tinham fr-

cassado ao tratar de reconquista-la. Mas, quando o exercito da Quarta Nova Rota ganhou vitórias espetaculares para o Governo do Kuomintang e ameaçou uma reconquista total, sem a menor ajuda do governo de Chung King, este é o momento em que o acusam de motin, de conspiração revolucionaria e são dispersados e assassinados por seu proprio Governo.

Os exercitos do Kuomintang vieram a esta região para esmagar o Exército da Quarta Rota, de acôrdo e com a visível colaboração dos japonêses. Quando eles haviam terminado seu primeiro ataque, então se puzeram de lado e observaram como os japonêses continuavam a batalha até esmagar o Quarto Exército.

Quando a peleja terminou e os japonêses e Wang-Ching-Wey haviam reconquistado o territorio adquirido pela valentia e genio de Teh Ting e seus associados,

## A UNIDADE NACIONAL DA CHINA, QUE HAVIA DETIDO OS INVASORES JAPONÊSES POR MAIS DE QUATRO ANOS, HAVIA SOFRIDO UM GOLPE INQUIETANTE

O que os altos generais do Kuomintang não puderam perdoar aos nacional-libertadores chinêses, foram precisamente as vitórias alcançadas, que se realçavam demais ante suas proprias derrotas;mas, sobretudo, o que não podiam perdoar de modo nenhum eram as qualidades e virtudes que tornavam possíveis estas vitórias e que punham a descoberto a corrupção e a incapacidade dos generais governantes.

Mas na China, conseguir vitórias contra os invasores japonêses se interpreta como traição. Isto é porque os capituladores, a reação chinesa e os generais tomaram novamente o controle, com o entendimento de que Washington e Londres, como Berlim e Tokio, os apoiam na entrega da China ás chamas da guerra civil, obtendo, portanto, a misericórdia dos invasores japonêses.

1 — A conquista da riqueza... Riqueza não tem apenas o restrito e estreito sentido que lhe deu a sociedade. A riqueza em dinheiro é um meio e não uma finalidade. Transformada em começo e fim dos objetivos humanos, pela irrisão de um sis-

tamanhas facilidades que o gênio humano soube dar á vida.

3 — E' que a terra ainda está muito brutal, muito indomita. Ela é avassaladora e esmaga o homem que investe, inerme, para conquista-la. E por que está assim, si o heroísmo do homem que

de antiteses". E' que esse conflito tende a se resolver — ou antes, se desenvolver... para a sua solução... Solução que exige antes de tudo que sejam levados em conta:

1° — a multiplicidade dos fatores e sua interdependência e interpenetração;

2° — a debilidade de qualquer hipótese baseada num fator exclusivo, em relação aos fatores naturais;

3° — a ligação estreita entre a ciência e a necessidade humana, rejeitando de forma incisiva os preconceitos "cientificistas";

4° — a experiência humana, humilde mas certíssima dos habitantes do sertão flagelado;

5° — a perspectiva de uma to-

# A terra ainda é

tema, tornou-se fonte de contradições e de egoísmos. Mas, é bem certo que tudo que tem um justo valor de utilidade ou crea valores outros, é riqueza. Encarando-se assim os alimentos são riquezas, o conforto é riqueza e as maquinas também são riquezas...

2 — Existem maquinas maravilhosas, existem meios estupendos de conforto e de civilização. Não há nenhuma crise maquinista, nem excessos, nem abusos da "civilização da maquina"... As maquinas representam um enorme valor. E valor real, as suas aplicações são uteis ao progresso e ao melhoramento da vida humana. Sem a maquina o homem não pôde ter o dominio do universo material. Que significa afinal o dominio do universo material? Significa nada mais e nada menos do que isto:

a) — conquista das materias primas — Exemplo: o ferro, o carvão, o petroleo, o algodão, a borracha, e, enfim, a lista infindavel dos produtos artificiais.

b) — conquista do poder — O poder aqui não é o poder de dominação politica. E' o poder do homem sobre a natureza por meio do vapor, do motor de explosão e da electricidade.

c) — conquista da distancia e do tempo — Exemplo pelos modernos sistemas de transporte e pela maneira hoje rapida de transmissão das ideias, dos pensamentos e das noticias, que antigamente eram levados por mensageiros a cavalo ou mesmo a pé.

d) — conquista da alimentação — Essa conquista é feita pela intensificação industrial da produção agricola e pecuaria.

e) — conquista do clima — Já aqui é pelos milhares de meios que a ciência pôe ao alcance de nossas mãos.

Mas, milhões de pessoas ainda não dispõem de meios para chegar a utilizar essas maquinas que facilitam e embelezam a vida. Milhões de brasileiros — os do sertão do nordeste por exemplo — não dispõem de electricidade nem para a sua aplicação mais elementar que é a iluminação. Como falar em crise nascida do excesso de maquinas?... Milhões de pessoas nem sequer chegaram ainda a saber da existência de

procura conquistá-la é indomito?

A terra ainda é áspera, rúde, cruel, porque o homem ainda não pode lançar-se unido á sua conquista. Os homens ainda estão

divididos e se devorando. Em vez da luta sobre a natureza, para dominá-la, para aproveitá-la, é o combate entre o homem e o homem num louco egoísmo para uma desenfreiada ambição.

4 — Algum dia essa terra estúpida que morre cada ano e renasce em poucas horas na festa magnífica das aguas cheias — essa terra surpreendente do nordeste — como em toda parte será do homem. A força das aguas moverá a civilização. Numma rede imensa de pequenas barragens, estancando "as aguas selvagens", para depois disseminá-las pelos descampados, que se transmutarão em festa incomparavel da natureza profundamente farta. E a riqueza completa estará mais proxima das mãos do homem que tanto a esperam. A riqueza cultural também é riqueza. A cultura da terra ou a cultura do homem. Ambas são ainda leves esperanças para o sertanejo do nordeste que tanto vem lutando e sofrendo... Assim, é preciso conquistá-las também. Isto é, tirá-la de suas silabas para as suas realidades. Os direitos civicos também são riquezas. E a justiça inda cabe apenas a uma pequena parte. A "vida digna" que as leis sociais prometem também é riqueza. Mas ainda é, para a zona do flagelo, promessa adormecida nos parágrafos da lei...

5 — O duro combate entre o homem e a terra há de terminar pela victoria do homem. A força "centrifuga do deserto", que repele, desune e dispersa, há de se transformar em força centripeta que atrái, reúne e congrega. Não por um doce milagre... Mas resolvendo-se a opposição dos dois contrarios que Euclides insistiu tantas vezes, e bem explicito: "A natureza compraz-se em um jogo

# dona demais...

JOÃO NITÃO

tal solução para o problema das secas, mas solução verdadeira — ainda que amplissima — e não panacéia;

6° — e finalmente, colocando-se com o maior numero possível de dados do problema na mão, situar em verdade o problema.

6 — Essa possibilidade de situar o problema em suas verdadeiras bases, e de encará-lo nos seus pontos essenciais, é o maior privilegio e a maior arma que a dialética fornece a quem tem de encarar qualquer problema.

Por que?

Por que?

A dialética encerra uma perfeita "síntese", uma absoluta "unidade total" e completa do "saber" e da "ação", da "teoria" e da "prática". E vamos concluir com Henri Lefebure... "regeita-la seria renunciar a pôr fim á derrocada, antes do conflito, entre as expressões da vida e a Vida".

7 — Dando este sentido de unidade e de compreensão ao problema, logo se verá o homem ligado á terra, "pelo vinculo nupcial do sulco dos arados". E todo sertão do nordeste será retalhado por "superfícies liquidas esparsas em grande numero"... que se libertando "da apatia do muslin inerte", transmutar-se-á na opulencia magnífica do renado estranho dos canais de irrigação. E essas aguas correrão dóceis e solícitas para onde o homem entender. Fertilizarão os campos lavrados, moverão os moinhos, acionarão os maquinismos, hão de gerar a luz e dar movimento aos motores. A terra fecundada pelo trabalho do homem, desbravada e constrangida pelos canais que irão cortá-la, produzirá os seus melhores frutos. E então a terra deixará, de uma vez por todas, de ser

# O GRANDE SINAL

ALUISIO MEDEIROS

Naquela madrugada sem ruídos  
a mulher notivaga parou na esquina  
e apontou para o alto.  
O cientista surgiu por entre retortas  
e vapores de combinações químicas  
e apontou para o alto.  
O marinheiro manso que estava olhando  
os maravilhosos peixes voadores  
apontou para o alto.  
O poeta que ia saindo do cabaré  
também apontou para o alto.  
Os primeiros bondes pararam  
e o louco oh! lúcido louco  
correu pela praia gelada e nua  
ao encontro daquilo que os outros apenas pressentiam.  
E no alto não estava o eclipse lunar  
nem a estrêla da manhã  
nem o cometa desconhecido.  
No entretanto o louco corria,  
todos apontavam para o alto,  
e o marinheiro manso  
dirigiu o couraçado a um porto do mar Baltico  
naquela madrugada sem ruídos.  
Naquela madrugada fria e silenciosa  
o que estaria para acontecer?

dona demais, pretexto para fazer escravos os homens que trabalham nela e objeto de desenfreada especulação, para se transformar em instrumento de redenção.

8 — Para salvar o Nordeste, só falta a vontade organizada dos homens — a vontade que designou a si mesma um fim arrogante: submeter as forças elementares da natureza aos interesses raciocinados do homem.

Mas, para isto, é preciso aquela coragem de que fala Vitor Viana:

“Coragem para enfrentar toda a magnitude da questão, coragem para proclamar que a solução exige grandes despesas, coragem para começar a execução de uma obra grandiosa e completa”.

E assim fica a nossa contribuição: é preciso e necessário compreender-se que o problema do sertão do nordeste, o problema imediato e urgente, não é, como parece querer Aguiinaldo

Costa, um problema de fertilidade, ou de dificuldades de transportes, ou de mercado interno, ou de planificação agrícola, ou de irrigação. Mas ao mesmo tempo, uma questão ou melhor, UM PROBLEMA de todos esses problemas. Essa ligação estreita dos problemas, ou melhor ainda essa interpretação, que os torna mais difíceis, os leva, em verdade, para mais perto do homem. E' justamente nessa “contradição de ser e não ser ao mesmo tempo” que está a “verdadeira solução”.

9 — E, então, pergunta-se: qual a origem desses problemas? A seca. Que é a seca? E' uma resultante de fenomenos de natureza climaterica. Desaparecidos esses fenomenos, a seca desaparece. Os fenomenos climatericos, provocam a sêca (o “nordeste moribundo”), a seca mata os fenomenos climatericos: — os ventos, a chuva, enfim, o “nordeste vivo”. E' um processo perfeitamente dialetico.

Compreende-se então:

1º — que a sêca não é propriamente uma *doença* que “não pode ser evitada, nem extinta”, mas uma resultante da falta dos fenomenos climatericos sobre a terra;

2º — que nesse caso não se deve procurar “domesticar as monções do nordeste”, como quer um escritor patricio, nem “levar o pão, o remedio e a roupa aos necessitados”, como sonham os jovens da Comissão Universitaria de Socorro aos Flagelados, mas ajudar o organismo martirizado da terra a lutar contra a seca, visando “atrair” e “reter” os proprios fenomenos de natureza climaterica. A mudança do “nordeste moribundo” em “nordeste vivo” se realizará por uma ação do “efeito” sobre a “causa”.

Está clara, portanto, a questão: o nosso progresso está em nossas mãos. E, num mais completo sentido de expressão: eis um justo programa.

# ESCREVO EM NOME DE UM DESTROÇO ENSANGUENTADO

J. B. PRIESTLEY

"E dois homens que eram meninos, quando eu também o era, sentaram-se a beber comigo"; disse o poeta: — Espero que tenha tido mais sorte do que eu. Quanto a mim, pertencem á geração má. A maioria dos homens que eram meninos quando eu também o era, não podem sentar-se a beber comigo. Loos, Galipoli e Somme acabaram com eles. Partiram para salvar alguma coisa e não voltaram mais. O que iam salvar, é impossível definir exatamente, porém sei bem que desde 1918, nada vi que merecesse tal sacrificio.

Quando alguém pergunta o que é que vai mal na Inglaterra, parece que se esquece da guerra. Quem poderá dizer quantos genios foram destruidos nesse vasto drama? Não podemos mais do que fazer suposições, porém aqueles dentre nós que se lembram das almas ardentes e generosas, quasi sempre os primeiros a partir, podem fazê-lo com uma certeza tragica. Atiramos pela janela como lixo uma juventude varonil e brilhante e agora nos penitenciamos. Há, contudo, uma geração florescente de antes e depois da guerra, embora não seja de uma vitalidade notavel. Porém, entre as duas, ha uma geração que pertence á guerra, que amadureceu nas trincheiras e que agora não é mais que um tronco mutilado.

E' esta geração a que pertencço, pois festejei o meu 21º aniversario em 1915, no front. Tenho alguns bons amigos e muitos desconhecidos, porém, ás vezes sinto-me velho, tenho a impressão de conhecer mais intimamente os mortos do que os vivos. Pensar em uma antiga partida de jôgo é vêr uma multidão de espectros de outrora!...

Duvido que se possa chegar a ser homem em semelhantes condições — passar os anos mais impressionaveis da vida entre granadas e arames de trincheiras e ser completamente normal. Ha feridos da alma iguais á feridos do corpo. Na vida de um moço ha um periodo — dos dezanove aos vinte e três anos — um periodo no qual, ainda que se trabalhe duramente na universidade ou se aprenda uma profissão, pode-se contudo levar uma existencia sem preocupações, feliz, sem responsabilidades.

E' a idade em que os rapazes velam até muito tarde, fumando cachimbos novos, bebendo cervejas e resolvendo como titãs os problemas do universo. E' também a idade em que se apaixonam de uma maneira romantica e põem-se a escrever sonetos com experiencias deslumbradoras dos bailes das Universidades.

Minha geração foi privada de tudo isso. Passou essa época vendo matar os seus melhores amigos. E quando depois da guerra, voltou cambaleando, esgotada, teve necessidade de arranjar um meio de vida no momento em que todo o mundo parecia glutão ou ávaro.

E' de admirar pois que pareçamos frequentemente histericos, ou antes, bastante amargos? Talvez não; talvez tenhamos um ar jovial de homens sadios; porém é que não nos vêm quando nos reunimos dois ou três.

Escrevendo como representante dêsse destroço de uma geração, confesso que não compre-

endo inteiramente este mundo. Não compreendo o sentido que se dá aos valores. Não consigo compreender exatamente o que se quer da vida. Por exemplo, na questão da guerra. Homens eruditos e trabalhadores, depois de ter estudado os documentos durante anos, dão-nos livros volumosos sobre as causas da grande guerra; outros dão o seu dinheiro e escolhem.

Porém, a verdadeira causa da guerra poderia ser escrita em um cartão postal. Ela resultou inevitavelmente dos que estavam prontos, esperando a guerra com o dedo no gatilho.

Os loucos mais perigosos com que tivemos de tratar nesse seculo, foram os que ordenavam: "Estejamos prontos". Mas para estar preparados, foi necessario amontoar fuzis, grandes e pequenos, e montanhas de explosivos. Depois de tudo isso pronto, o resto era facil. Algum imbecil se atemorisa e aperta o gatilho. E' impossível ter armas perigosas sem deixar de servir-se delas, qualquer dia. No país em que vivo, os homens têm o habito de se matarem uns aos outros, pois somos um povo pacifico, amavel e cordato. Porém, dizer-nos que o assassinato é inevitavel e que passemos a andar armados até os dentes, em breve o solo estaria juncado de cadaveres. Todas as pessoas que vivem a dizer que as guerras são inevitaveis e que nos confiam as suas previsões a respeito da proxima carnificina, são loucos perigosos ou criminosos. E' preciso que sejam encerrados em celas a pão e agua.

Quasi que nunca vou ao cinema, por assim dizer, sem que me venha a idéia de que no mundo não existe uma migalha de bom-senso, pois na exhibição de atualidades, se comprazem os cineastas em mostrar-nos o desenvolvimento da tecnica do assassinato em massa, os aviões que lançarão bombas silenciosas, os "tanks" que poderão atravessar os rios...

E os espectadores sentam-se tranquilamente, de mãos enlaçadas, comendo chocolates. Não ha ninguem que exclame: "Um momento! Para que serve tudo isso? Que desculpa será apresentada quando êsse avião amortilhar e afogar metade da população de uma cidade? Quando êsses "tanks" esmagarem as espaldas dos homens e os enterrarem profundamente na lama?"

As linhas acima, eu as escrevi na folha do meu diario correspondente ao dia 13 de Abril de 1935, dia em que recordei a morte de um amigo de infancia, ao meu lado, no front, em 1916. E agora, relendo-as, dentro dessa nova guerra que ensanguenta a Europa, eu percebo que houve um imbecil qualquer que permaneceu tempo demais com o dedo no gatilho. Puxou-o, dando inicio a uma nova "Grande Guerra".

Mas dessa vez não sobrará eruditos nem trabalhadores para escrever grossos volumes sobre as causas de tudo isso. Então, quando ecoar o ultimo tiro dessa guerra, não haverá mais homens eruditos, nem trabalhadores, não haverá mais livros. Não haverá mais do que idiotas perambulando entre ruínas. E ás vezes, eu proprio tenho a impressão de ser um deles, atualmente.

Tudo, porque sou apenas um destroço ensanguentado...

ESCRITORES  
DAS  
AMERICAS

## John dos Passos

John dos Passos de origem Portuguesa, nasceu em Chicago a 14 de Janeiro de 1896. Gradou-se em Bacharel em Artes "cum laude", na Universidade de Harvard em 1916. Durante a Guerra serviu como voluntario nas frentes francêsas e italianas. Inicia-se nas letras em 1917 com *One Man's Initiation*, livro no qual resume suas experiencias de soldado. Desde então Dos Passos cultiva ao mesmo tempo a literatura e o jornalismo, produzindo livros e artigos de grande repercussão, não só pela originalidade da forma, como também pela audacia de suas idéas sociais e políticas. Em seus romances e peças John dos Passos nos mostra uma America diferente daquela que nos acostumamos a ver nos filmes e em certa classe de literatura comercial e para revistas. Mostra-nos ele a agitação dos milhões de americanos absorvidas pelas cidades tentaculares. As greves operarias por um aumento de salario. A resistencia dos patrões. A policia dissolvendo a tiros as reuniões operarias. Mostra-nos as miserias de Chicago, o celebre quarteirão da luz vermelha, os párias de New-York, San Francisco e cidade do Mexico. Mostra também a formação dos business-men. A ganancia pelo dinheiro, a corrida ao prazer. Fere de frente o problema da mulher neste mundo agitado. É uma America complexa e real, com suas monstruosidades de país super-civilizado, onde as cenas de grande opulencia se sucedem ao lado das de grande miséria. Em *Streets of Night*, palpita a inquietude da nova geração norte-americana. John dos Passos exerceu grande influencia na literatura contemporanea. Escreveu as seguintes obras, além das já citadas *Three Soldiers* (novela), *Manhattan Transfer* (novela); *The 42nd. Parallel* (novela); 1919 (novela); *Rosinante to the road again* (ensaios); *A pushcart at the Curb* (versos); *The Garbage Man* (Teatro); *Orient express* (viagens em avião); *Airways Inc* (teatro); *In All countries* (viagens); *The big money* (novela); *Journeys between wars* (viagens).

# Esta Guerra

ROBERT W

Os Estados Unidos da America estão, neste momento, com a responsabilidade total do que venha a suceder á Grã-Bretanha. A politica aparente da Casa Branca é de "auxilio ilimitado" aos seus irmãos de sangue. Mas, a realidade, dita e executada pela Wall Street, é de que "esta guerra não é nossa", como se expressou o ex-embaxador Kenedy, e quanto ao "auxilio" este deve prosseguir, porém, em carater de "donativos". Não faz muito tempo que o presidente Roosevelt declarou ter a Inglaterra fundos restantes, nos bancos de Nova York, calculados em 5 bilhões de dolares. Já haviam sido gastos, em pagamentos dos donativos, cerca de 2 bilhões.

Qual a razão desta atitude do mais poderoso país capitalista de todos os tempos?

O atual e unico concorrente nos mercados internacionais que os comerciantes americanos teem, são os ingleses. Existiam os alemãs, e continuam a existir, homeopaticamente, os japoneses. Os primeiros acham-se estrangulados, ha dois anos, pela esquadra de Sua Majestade. Os japoneses foram, aos bocadinhos, sendo escurraçados da America latina, e no Oriente, o problema chinês lhes estorva o encontro de mercados, para aliviar a super-produção. Ficaram os ingleses e, a esses mesmos, os ianquis, aproveitando seus graves problemas na Europa, (contra — bloqueio) vão, de mansinho, substituindo o "made in England". Por outro lado, os "trusts" britanicos iniciam uma fusão completa com os americanos, de vês que o ouro do Imperio e varios de seus donos já se acham em Nova York.

Todas as vantagens dos norte-americanos estão em se manterem fóra da guerra. O ideal, e é pelo que lutam, seria a fusão das esquadras. Este contróle, de uma invencível armada, daria a Tio Sam todas as possibilidades de vigiar, tranquilamente, as colonias inglesas a si confiadas por Londres, caso venha o sr. Churchill pedir um armistício. O sr. Hitler não se aventuraria a prosseguir a guerra, sem um breve descanso. Washington mitigaria a séde das "panzer-divisionem" com a Asia Menor, pedaços da Africa e nada mais... a não ser a Rússia, que é muito fertil.

Isto poderá suceder e também poderá não suceder.

Pelos sintomas que se apresentam, os alemãs vão, dentro em breve, desencadear formidável ofensiva militar em todos as frentes de guerra e, possivelmente, abrirão novas frentes de fogo, em logares atualmente pacíficos. Deficientemente armados, os ingleses teriam que passar para a defensiva, sofrendo derrotas, o que traria grande incompreensão e desespero para quantos veem no poderio bélico de Londres um monolito impossível de ser quebrado.

Repetir-se-ia, por culpa da falsa propaganda dos aliados, o mesmo fenomeno da França, até 15 de Junho de 1940

# a Não é Nossa

WESSEN

considerada "a maior potencia terrestre do mundo", por 4/5 das populações informadas pela imprensa anglo-franco-americana.

Países, cuja situação interna caminha para o caos, e que aparentemente dão mostras de invencibilidade, estando fora do conflito com o imperio, nesta hipotese, em desagregação, imediatamente lhes declararão a guerra, para saltar sobre seus despojos, ha muito cobiçados.

Uma queda das Ilhas Britanicas, em mãos alemãs, deixaria as colonias e dominios do Oriente ao léo da sorte. As riquissimas Indias Holandesas, a Australia e a India estariam sem "proteção". Os militaristas japoneses resolveriam parte dos seus "casos" com um bocado desses. Seria o choque dos dois grandes imperialismos restantes, que, ora, disputam o dominio do Pacifico. A paz com a China, vantajosa para Chiang Kai Shek, viria fatalmente, e o Japão, estaria de mãos livres para fazer sua presa.

A Guerra, no ponto de vista militar, tornar-se-ia desvantajosa para os Estados Unidos, que tentariam uma aproximação com os alemães (!). Hitler, porém, sabe (já tem grande experiencia) que um país militarmente fraco como o são os Estados Unidos (!) cedem, ou melhor, são forçados a ceder. Por isso exigiria muito. Mas dentro de dois ou três anos a grande industria americana estará ajustada na produção de guerra.

Os porta vozes governamentais da democracia do sr. Roosevelt não cessam de blaterar contra a agressão. Não se compreende como a agressão possa ser sustada sem resistencia. A China é um exemplo frisante. Os americanos jamais deram um passo para "expulsar" os invasores niponicos. Esta a razão porque os republicanos, que representam os capitais norte-americanos, desejam, apenas, dar donativos.

Vale lembrar o "auxilio" do sr. Chamberlain á Austria, á Tchecoslovaquia, á Polonia. A vacilação extinguiu-se na Noruega. Só então viram os ingleses que a politica de concessões era prejudicial.

Neste exemplo miram-se os Estados Unidos. A Europa já foi entregue. A politica democratica centraliza-se em Washington. Londres, atualmente, faz as vezes de Paris em 1938. E' a trágica repetição da historia. E, baseando-se nestes argumentos, não seria mais para admirar uma nova "retirada de Dunkerque", feita em "um ponto da costa inglesa", pela Armada dos Estados Unidos, acossada por um enxame de aviões do Eixo".

E o mundo marcha. Oxalá, o presidente Roosevelt consiga tornar-se o sr. Winston Churchill da Casa Branca. Por ora, esperamos pelo auxilio.

## UNIÃO DA AMERICA LATINA

*A união dos povos da America Latina não é uma causa recente, que só agora tenha sido colocada na arena das discussões. Todos os latino-americanos clarividentes sempre a olharam como uma arma de resistencia ao avanço dos interesses imperialistas nesta parte do mundo. Clovis Bevilacqua, em artigo publicado ha mais de trinta anos na "Revista Pernambucana", aconselhava a união dos povos sul-americanos, e seu artigo possui trechos duma lucidez extraordinaria. "Os estados da America do Sul e do Centro — diz ele — sentem-se mal seguros em face da febre de expansão imperialista, ou de rude egoismo dos povos que se pretendem mais cultos, e estes se entreolham de esguelha, certos de que não podem esperar de seus pares sinão as complacencias do interesse". Adiante, aconselha: "O que devem fazer as nações sul-americanas, ameaçadas pela ambição desregrada, pela embriaguez da força e da cubica, que desvaira o senso moral das grandes potencias, é tirar elementos de resistencia da sua propria fraqueza". "Solidarias diante do perigo comum, verão as nações sul-americanas desenvolver-se em seu seio sentimentos de simpatia reciproca, o que até hoje lhes tem faltado ou somente lhes tem aflorado na alma popular de modo parcial ou transitorio. "A cultura é da mesma feição entre os diversos Estados sul americanos, a lingua é a mesma em quasi todos, e o portuguez é tão proximo parente do espanhol que não seria nunca a diversidade de linguas estorvo para a aproximação de que se cogita. Fortes pela união, os americanos do sul mais tranquilamente poderão desenvolver as suas faculdades e realizar as grandes obras de cultura que ambicionam, sem receio de que aqui, onde a liberdade e os nobres sentimentos humanos têm fervoroso culto, possa a civilização assumir as formas degenerativas que a politica imperialista vai imprimindo na Europa e na America do Norte".*



## Agonia de Artista

MANOEL CAETANO FILHO

Quís matar a fome de uma criança,  
 mas milhares de crianças abriram para mim as suas bocas  
 pequeninas.

Quís enxugar as lágrimas de uma mulher,  
 mas milhares de mulheres estavam chorando.

Quís erguer um homem que tombára vencido  
 e milhares de homens encontrei mergulhados no pântano  
 da vida.

Quís ver um sorriso tranquilo  
 nos lábios de todas as mulheres e de todas as crianças.

Eu gritei aos opressôres  
 que deixassem de esmagar as multidões,  
 gritei que estava crescendo,  
 crescendo, cada vez mais, a força das massas reprezadas.

Cantei bem alto para todos os sêres da terra,  
 a desoladôra tristeza das almas esmagadas  
 e as maravilhosas belezas da humana redenção.

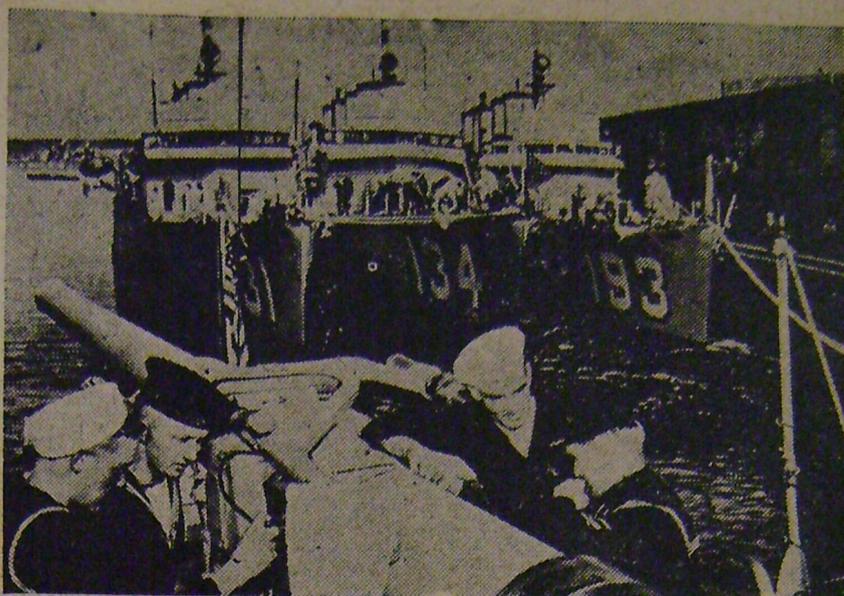
Mas estava morto no peito o coração dos homens!

## SURREALISMO

Agora, que um pintor vindo da Europa movimenta um grupo de rapazes em Recife, promovendo um Congresso de Poesia, cujas teses apresentam estes pitorescos títulos: "Os estranhos suicídios pelos instrumentos de ótica e seus sucedaneos na poesia" ou "Atmosfera e previsão do tempo pelas cooperativas de poesia" ou ainda "Revelações sobre as possibilidades do anjo bi-metalico na poesia centripeta e tangencial", seria interessante reler as linhas em que Ramón Gaya realizou uma Divagação em torno do Surrealismo. Não sei si devemos chamar de surrealista este movimento de Recife, com suas trombetas e seu alarido, na certa "pour épater". Mas acontece — e agora Ramon Gaya toma a palavra — que o surrealismo já perdeu seu caráter revolucionario, já não fêre ninguém, converteu-se em algo côr de rosa, em algo "chic", em algo de bom gosto. Diz Gaya que isto não significa negar o surrealismo, e sim reconhecer que o surrealismo já não existe como luta, como movimento. Sua oportunidade desapareceu. "Conquistou para a arte coisas que ela já não perderá nunca. Restar-nos-á, sem notá-lo, um surrealismo essencial, profundo, sem espetacularidade nem gritos, muito por dentro." E finaliza: "Hoje, as senhoras que folheam o "Vogue", os senhores de bom gosto, que encomendam moveis surrealistas continuam, naturalmente, sem nada saber de verdadeiro de surrealismo, porém a coisa lhes parece granfina. Encantando-lhes esse surrealismo côr de rosa, saberão, pelo menos, transigir com o outro, o essencial, o profundo. Por tanto, terminada a guerra, o movimento "exterior" também terminou."

Por isso tudo o movimento de Recife apresenta-se sem nenhuma finalidade construtiva, apenas entusiasmado os iniciados que ainda se guiam pela semana de arte moderna, e despertando sorrisos destes burguezes que não se abalam com mais nada. Nem os academicos — para aproveitar o argumento de Gaya — nem mesmo os academicos investirão mais com furia contra os rapazes, pois metade da Academia já está rouca dos gritos que deu em 1922 e 1924. Tudo se reduzirá afinal a uma brincadeira divertida. Felizes rapazes, esses, que ainda possuem tempo para brincar.

# As Bases Navais Dos ESTADOS UNIDOS No Pacífico



A. ALEXANDROVA

O grande problema estratégico que se levanta aos Estados Unidos no oceano Pacífico é o das bases para a frota e para a aviação. O ministério americano da Marinha assinalou, há muito tempo, a insuficiência das bases militares navais dos Estados Unidos e seu afastamento da parte ocidental do oceano Pacífico, que pode tornar-se o teatro da futura guerra.

Desde 1935, desejosos de proteger sua linha S. Francisco-Manilha, os Estados Unidos ocuparam as ilhas de Midway e de Wake. No mesmo ano, anexaram três pequenas ilhas de grande importância estratégica: Baker, Jarvis e Howland.

A principal base marítima e aérea dos Estados Unidos no Pacífico é Pearl Harbour, nas ilhas Hawai, na proximidade de Honolulu, capital desse arquipélago.

As outras bases dos Estados Unidos são distribuídas principalmente no litoral do Pacífico. Entre as ilhas Hawai e as Filipinas, os Estados Unidos não dispõem senão de ilhotas disseminadas a grandes distâncias umas das outras, no

imenso oceano, e que mal podem servir, no momento, de terreno de aterrissagem para a aviação. Hoje, essas ilhas balizam a grande via aérea que liga os Estados Unidos às Filipinas e a Hongkong, seguindo a linha S. Francisco - Honolulu - Midway - Wake - Guam - Manilha.

Essa linha se encadeia às rotas aéreas do império britânico em Hongkong e em Auckland (Nova-Zelândia). Essa cidade é ligada a Guam por uma linha complementar que atravessa o Samoa americano, onde a aviação encontra seu ponto de apoio em Pago-Pago.

Desde 1937, o Japão se apossou das ilhas de Lintin e de Pratas ao sul de Hongkong; em seguida, de três ilhas a pouca distância de Macau e, por fim, da ilha de Koo-Emoy, na proximidade de Amoi. Entre Macau e a embocadura do Yang-Tsé, o Japão transformou em base militar e aeronáutica toda uma série de ilhas a pouca distância de Hongkong. 1938 foi marcado pela ocupação da ilha de Hainan pelos japoneses e, enfim, recentemente, eles lançaram a mão sobre as ilhas de Spratley. Por outra parte, sabe-se que o Japão exerce um mandato nas antigas possessões alemãs, o que representa diversos milhares de ilhas.

Nessas condições, a ilha de Guam-



Vista de uma Base Naval Norte-Americana

adquire uma enorme importancia estrategica, e não é sem razão que as vistas do Ministerio da Marinha dos Estados Unidos e de toda a imprensa americana se concentram sobre ela. O fato da fortificação de Guam, nada tem de novo, mas, hoje, a questão está em transformar essa ilha precisamente numa base naval e militar de primeira ordem.

Não é por acaso que, em janeiro de 1938, o Presidente Roosevelt disse em sua mensagem ao Congresso, anexada ao orçamento suplementar da Marinha: "Uma defesa verdadeira significa que para a proteção não somente das nossas costas, mas também de nossas cidades muito afastadas, devemos ter todo adversario poderoso a centenas de milhas de nossas fronteiras continentais".

E precisamente o que constitui a importancia da Guam é que ela pode ser essa barreira que manterá o adversario poderoso dos Estados Unidos a centenas de milhas do continente.

Examinemos em detalhe a posição estrategica de Guam, do ponto de vista geografico, frente ao "adversario poderoso".

Guam é o prolongamento natural das ilhas Marianas que pertencem ao Japão e que formam longa muralha de 450 milhas, barrando o acesso ao continente asiatico. Essa muralha está disposta perpendicularmente em relação á linha estrategica americana de S. Francisco-Manilha; ela é prolongada pelo mandato japonês das ilhas de Marshall e das ilhas Carolinas. Quanto á ilha de Guam, ela se introduz no meio dessa linha, á

maneira, como disse a revista *Collier's*, "do pé de um visitante importuno avançado no entreabrimto de uma porta e impedindo, por consequencia, que se feche".

Com efeito, uma porta japonesa se acha ali, suspensa aos gonzos: ao norte, ela está presa ás ilhas de Bonin em face de Yukohama; ao sul, aos arquipelagos das Carolinas e das ilhas Marshall, enquanto que, de permeio, se coloca a ilha americana de Guam como um Gibraltar eventual.

Logo após, a quarenta milhas somente ao norte de Guam, está situada a ilha japonesa de Rota que os indigenas de Guam consideram com temor e hostilidade.

Sem duvida, essa cunha estrategica americana penetrou na "porta" japonesa, mas os batentes da porta são bastante ameaçadores: ao norte, estão bases japonesas maritimas e militares de primeirissima ordem nas ilhas de Bonin e de Mariana e, em particular, na ilha de Saipan, muito pouco afastada de Guam; ao sul, Guam está ameaçada por bases japonesas que se encontram nas ilhas de Trouk, de Yap e de Palaou.

Compreende-se, pois, diante do exposto, que a fortificação de Guam é um dos problemas de atualidade da politica naval americana. Na opinião dos especialistas militares e navais, os recursos naturais e estrategicos de Guam são tais, que ela pode se tornar absolutamente inexpugnável. Essa ilha dispõe de quantidades suficientes de agua e de provisões para fazer subsistir a população e a guarnição, em caso de bloqueio. Suas costas de leste e de norte são inacessíveis aos desembarques, e pode-se construir excelentes portos nas de oeste e do sul.

A parte central da ilha parece ter sido especialmente creada pela natureza para favorecer a instalação dos canhões anti-aerios e de longo alcance. Um dock em abrigo seco pode ser facilmente instalado na baía de Apra, e existem a pouca distancia dessa baía excelentes terrenos para os aeródromos.

O vasto programa de construções navais executado atualmente pelos Estados Unidos, inclusive o reforçamento de todo o sistema das bases estrategicas navais e aeronauticas no Pacifico, está destinado a aumentar as possibilidades operativas dos Estados Unidos no Pacifico.

# Novo Rumo Na Teoria Dos Logaritmos

FALA O PROFESSOR LEOPOLDO DO AMARAL — IMPERFEIÇÃO DA FORMULA DE EULER — "QUEM CABRAS NÃO TEM, CABRITOS NÃO VENDE..." — CURIOSIDADE DE CALOURO OU O MISTERIO DAS CURVAS — HAVERA' REVOLUÇÃO NA MATEMATICA?

Reportagem de ALDENOR CAMPOS



O Professor Leopoldo Amaral quando falava ao nosso redator

Em 1928 o professor Leopoldo Amaral, catedrático de Cálculo Infinitesimal da Escola Politécnica da Bahia, enviou ao Congresso Internacional de Matemáticos, que então se reunia em Bolonha, uma comunicação que versava em torno dos logaritmos reais das quantidades negativas. Após isso os anos se passaram e o professor bahiano não mais pode dedicar-se ao assunto e dar-lhe o desenvolvimento e amplitude que a importância do tema requeria. Este ano, convidado pelo Diretorio

Academico daquela Escola realizou duas conferencias onde desenvolveu suas idéas.

SEIVA, mais uma vez orientando seus esforços no sentido de divulgar para os seus leitores todos os acontecimentos de importância nos diversos setores da ciencia, procurou ouvir o matematico bahiano, nome que dispensa apresentações.

## Um Calouro Curioso

— O que primeiro despertou a vossa atenção para esta questão dos logaritmos?

— Quando eu ainda era um simples calouro da Escola Politécnica, tive minha atenção despertada para certas deficiências, na pratica, da concepção cartesiana que nos ensina a pintura geometrica das equações. A curva  $y$  igual a  $x \cdot \log'x$  foi a "pedra de escandalo" para os meus conhecimentos de neofito nas matematicas superiores. A allure da curva, nas proximidades da origem das coordenadas; o fato de a derivada de segunda ordem de sua equação satisfazer, quando " $x$ " fôsse igual a zéro, a condição de inflexão; a circunstância de que a "tractoria de Leibnitz" parece indicar — ao apresentar um ponto de parada quando  $y$  é igual a " $a$ ", e ao apresentar imaginaria a tangente no setôr impedido, á esquerda do eixo dos  $y$ , — que deve haver, geralmente, uma correlação exata entre os valores que limitam o tipo transcendente e os valores que limitam os tipos algebricos derivados; além disso, a intuição que, muitas vezes, guia o espirito matematico a entrevêr incongruências, tudo isso levou-me a desconfiar da validade da limitação logaritmica, referente ás quantidades negativas.

## A Formula de Euler

— A formula de Euler é imperfeita e inoperante. Ela, tal como é constituída, só poderia fornecer logaritmos das quanti-

dades positivas e das quantidades imaginarias. Seria um absurdo exigir que ela nos desse os logaritmos das quantidades negativas. Aliás não é preciso falar mais uma vez no chapéu do magico, de onde só tiramos aquilo que nele está realmente. O português já teria, com uma frase bem significativa, mostrando meu pensamento aos espiritos rotineiros: "Quem cabras não tem, cabritos não vende..."

### Novos Rumos

— Quais as vantagens imediatas — perguntamos — ou mesmo longinquoas, da vossa teoria? Será ela mais fecunda que a atual?

— Foi já antevendo este des-  
envolvimento que posteriormente a teoria deverá tomar, que eu procurei formulá-la em bases mais gerais, e apresentar uma síntese que abrange todos os logaritmos — positivos, negativos ou imaginarios — e explica todas as contradições atuais desse setôr da Matematica. Quanto ao mais, sob um criterio puramente especulativo, esta concepção, além de racionalizar e de generalizar mais toda a teoria de logaritmos, ensinará novas especulações matematicas, o que — e aqui está o lado pragmatico da questão — permitirá o estudo de certos problemas de Matematica aplicada, que, até hoje, sofriam da injusta e "imaginaria" limitação que atravessou os seculos por causa do prestigio extraordinario de um homem: Euler! Esta referencia constitui a minha maior homenagem a esse formoso espirito que, se ressuscitasse agora, diria, certamente: A ciencia deve aceitar uma convenção fecunda que, atendendo a razões de ordem formal e a razões de ordem concreta da Matematica, desloca, de um milimetro embora, barreiras que nos separam do Infinito da Verdade. Não devemos esquecer, finalmente, que uma das vantagens principais de tudo isso, é a de chamar a atenção para a nossa Patria, que se apresentará, mais uma vez, no concerto internacional, com a solução de um problema.

### Haverá Revolução na Matematica?

A teoria do professor Amaral foi exposta em duas conferencias que contaram com uma elevada

assistencia de especializados, conquistou discipulos e foi refutada, como sóe acontecer a tudo neste mundo. Pela reconvenção proposta pelo professor Amaral, o mesmo logaritmo A corresponde aos numeros "mais" B e "menos" B. As consequencias dessa atribuição de logaritmos reais ás quantidades negativas, não podem, assim de momento, ser explanadas em toda a sua extensão. O professor Amaral continúa os seus estudos e varios outros professores asseguram a impecabilidade da demonstração de Euler, que tem como consequencia serem atribuidos ás quantidades negativas,

somente logaritmos imaginarios. A questão está em fóco. Que a ela se lancem os estudiosos do Brasil e da America. Haverá revolução na Matematica? Por certo que não será uma transformação, dessas raras, que abalam os alicerces de uma ciencia, mas, deste terreno assim violentamente revolvido, poderá brotar alguma coisa de novo, de surpreendente, de vigoroso. Também em matematica, muitas vezes a rotina tenta destruir os impetus dos que buscam o progresso, mas são esses espiritos, que afrontando tudo, trazem para a ciencia o grão que lhes enriquece o patrimonio.

## Capitalistas e Banqueiros

### Aumentam Fabulosamente Os Seus Lucros

A Casa Branca pede ao povo norte-americano que se sacrifique pela guerra e pede, também, a Wall Street para obter menores lucros.

As cifras abaixo mostram que o povo está sacrificado, e que o pedido de Roosevelt aos capitalistas não passou de méra formalidade:

	1940	1939		
Allegheny Stell . .	\$3.700.000	2.090.000	aumentou	77%
Bethelehem Stell .	\$48.679.000	24.638.000	"	97%
Republic Stell . . .	\$21.113.000	10.671.000	"	98%
U. S. Stell . . . .	\$102.181.000	41.119.000	"	148%
Caterpillar Tractor	\$7.839.000	6.004.000	"	30%
Gral. Stell Casting	\$1.106.000	5.661	"	19.560%
Intl Harvester . . .	\$23.161.000	7.952.000	"	191%
Lana Americana . .	\$3.151.000	2.311.000	"	36%
Comp. de Carnes .	\$31.068.000	27.522.000	"	12%

Esta é a carga que o povo leva. As emprêsas industriais, entretanto, conseguem fabulosos lucros com os bilhões da defesa.

Os fatos não admitem discussão.

A noite ia alta. Uma lua que era um amor, se desmanchava de luz, no céu de opala.

Na casa de farinha a desmancha

“Seu” INOCENCIO que nem garrafa de pinga em ródá de samba, ia dum canto pra outro, sem parar, dando ordem, reclamando, animando o pessoal. Já era

# MANIPUEIRA

WILSON LINS

(Trecho do romance “ILHA DO POVO”)

roncava na voz dos bombos, atabaques e caixambús. No ranger molengo das prensas. Na cadencia febril das moendas.

— Ei quiô!

— Vamo pra frente minha gente!

— Eram os homens dos lameiros, contentes do trabalho. Que marchava normalmente. Sem novidade. Deus estava ajudando. Nem uma interrupção em tantos dias de desmancha. Nem uma correia partida. Nem um parafuso de prensa fóra dos eixos. Trabalho ia bom. No melhor dos fados, a Deus querer.

Enquanto a roda rodava, puxando a moenda que moendo, movendo, transformava grossos tuberculos em fina massa móle, no quintal as prensas espremiavam mais massa, mijando o liquido esbranquiçado da manipueira. A manipueira imitando o rio, rumorejava pelas ladeiras a baixo, numa caudal gigante. Formando ilhazinhas, pequenas cachoeiras até desembocar no mar que era o São Francisco.

Nos fornos enormes, homens mexiam munidos de fortes rôdos, a massa já livre da manipueira, que dentro em pouco virava farinha.

A garrafa de agua-ardente, ia e vinha, desde a bolandeira á boca-de-forno. Desde ás raspadeiras aos homens que puxavam a ródá. E batuque crescia, enquanto vózes se misturavam em toadas e chulas.

“Moenda ródá moendo,  
Forno quente tem farinha,  
Tá no tempo da desmancha  
Mãidóca boa essa minha”

meia-noite e estava na hora de mudar a turma. De fazer o rodizio.

— Vamos reformar, minha gente.

— era o velho INOCENCIO que gritava

— Tá na hora da outra turma entrá.

E a moenda e a ródá e as prensas e os fornos param por um instante. A nova turma pegou com vontade no trabalho. Parecia que o mundo ia acabar, de tanta zoada. E os tocadores de tambor e atabaques, tinham dificuldade de acompanhar a cadencia louca das maquinas de pau, das maquinas de ferro e das maquinas de carne. Já não existiam operarios nem maquinas. Tudo se fundia, no fragor da luta. O trabalho celebrava ali naquela oficina primaria e tosca, a sua missa votiva e grandiosa. Eram uns misticos, aqueles homens ensopados de suor, aqueles santos martires da religião do trabalho. Suas toadas subiam para o céu sem nuvens, com um sabor liturgico de rarissimo encanto.

Entre eles estavam MALANGA e MARIA.

Ele foi pra ródá e ela para a bolandeira. E as suas vozes eram as que se faziam ouvir mais alto.

Descançando das três horas de trabalho intenso que passara na prensa, um negro alto de pescoço de touro, enxugando a cara foi se sentar no oitão da casa-de-farinha. Era LEOPOLDINO, um trabalhador dos melhores e que já se fora remeiro de barca seis anos. Com cabeça encostada na parede de taipa, deixou-se ficar, olhando a esteira de prata que a lua refletia nas aguas tranquilas.

# B a t u q u e

GASTON FIGUEIRA

Sí, "el negro gime todo el día,  
el negro quiere batucar".

En la locura del baile  
el negro quiere limpiar  
su sangre del acibar  
colonial.

Batuque, batuque, batuque,  
rimbombo  
del bombo!

El jongo  
zumba  
y retumba

como en una noche del Congo.  
Chiqui-chá, chiqui-chá del maracá,  
caracaxá, kerekexé, canzá  
y las negras y las mulatas  
hacen vibrar sus amuletos de plata  
— berenguendén

del sol, de la luna, del pez —  
y en ese zapatear y en ese ondular  
No rien abuelos e abuelas  
que pasaran su vida gemiendo  
ávidos de libertad?

y parece que la roja noche tropical  
se llena de un grito sediento:

"Bailemos y cantemos

· Majumbebé, majumbarilá —

que el señor del ingenio yá no aparecerá,  
no nos castigará.

Bailemos y cantemos

— ohé — ohá, jui-jé, jui-já —  
que mañana es Carnaval".

Zumba y retumba el jongo,

rimbombo del bombo,

chiqui-chá, chiqui-chá del maracá,

chiqui-chá, chiqui-chá, canzá, Kerekexe, Karakaxá,

— el señor del ingenio ya muerto está —

esta tierra es tierra buena,

tierra de libertad,

y Bahia es ciudad linda

y en Bahia hay que zapatear.

Bailemos y cantemos

sin descansar.

Que no deje el jongo

de zumbiar y zumbiar!

Que llegue hasta el Congo

como una voz de redencion

el eco loco de mestre batuquear!

## Os refugiados espanhois em França estão ameaçados!

Os refugiados espanhois e internacionais na França, estão vendo agora as suas vidas ameaçadas pela politica nazista da França, ocupada e não ocupaça. Além da grande miseria em que êles vivem, sem nenhum conforto material e intelectual, os fascistas da França vencida querem agora dar-lhes um golpe de morte, irritados com a sua unidade e a sua resistencia moral na luta pela liberdade e contra o fascismo. Estão deportando-os (como escravos) para o Sahara, clima absolutamente insuportavel para eles. Enquanto isso, a America fala em falta de braços. Porque não imigram estes refugiados, portadores de elevada cultura, para países como o Brasil, Argentina e outros?



## Os Estudantes Uruguaios

O movimento de protesto dos estudantes uruguaios, ante a violencia de fascistas que tirotearam um grupo de jovens democratas, é um indice mais que significativo da resistencia que a America organisa contra o dominio da violencia. No momento em que a maquina de guerra nazista lança-se contra o amigo da vespera, oferecendo ao mundo uma confirmação da politica imperialista do Terceiro Reich, estes estudantes uruguaios são uma prova de que continua alerta a mocidade americana, pronta contra qualquer perigo que possa ameaça-la. Os objetivos de Hitler, seus projetos para a época de construção da "Nova Europa", estão cada vez mais claros e sempre seguindo a linha que se traçou. É uma "nova ordem" de dominação egoista, tão danosa como as que mais o sejam, sublinhada a sujeição economica da nação vencida.

Dia a dia esclarecem-se mais os perigos da infiltração nazista na America. Não são eles os unicos, mas são de grande importancia. Estes movimentos de repulsa que dormem na alma do povo, e que os jovens uruguaios personificaram, estão, porém, a Base segura de todos os movimentos de defesa.

# CAPITULO NOVE

## Santos Morais

Novamente amanheceu chovendo. Nos caminhos alagados misturavam-se com o chão flôres e folhas atiradas pelo vento. As goteiras deixavam escoar a agua que se derramava pelo telhado. E o ruido da goteira denunciava a intensidade da chuva que cobria a terra como um lençol de nuvens baixas.

Seu Tonho levantou-se aborrecido e foi olhar para fóra pela fresta da janela. Tudo permanecia obscuro pela chuva. Até lá longe a serra enorme e azulada estava quasi escondida na névoa da manhã.

Durante toda a noite a chuva caiu forte. Seu Tonho quiz sair varias vezes porém quando vinha á janela a escuridão da noite chuvosa parecia tramar contra ele. Até as proprias sombras desapareciam na noite escura. E uma unica sombra se avolumava e ia povôando tudo, até que invadia a casa, ele mesmo. Era a sombra do mêdo, do pavor. O vento batia no oitão da casa como um açoite de varas. Não era somente a chuva. Eram o vento, os raios, pois os estrondos se sucediam e os relampagos rasgavam clarões no céu escuro. E ele passou toda a noite naquela ansiedade de não ter certeza do que lhe ia suceder amanhã, talvez depois, de não saber o rumo certo que sua vida ia tomar.

As janelas estavam todas trancadas e as portas cerradas. Os candieiros iluminavam fracamente o interior da casa em desalinho. Seu Tonho caminhava de lado a lado em passadas largas e pausadas. Ia e vinha como um automatico. Lá fóra corria a noite iluminada pelos clarões dos relampagos, e abalada pelo estrondo e pelo clamor da tempestade. Dentro da casa tudo era silencio em contraste com a natureza. De um lado os meninos agasalhados num canto. D. Julia sentada num tamborete pequeno, e Dalina procurando um objeto perdido em algum lugar. Lá em cima, no alto da parede, fulgia uma pequena luz que oscilava com o vento, tenue e raquitica, pisca-piscando como uma estrela perdida e distante. Atrás da pequena luz uma moldura antiga e tosca representava uma imagem cristã. Envolvendo o retrato, flôres de papel sujas de poeira davam um aspécto sombrio de capela mortuaria. E a luz da vela deixava esmaecida a figura palida e descorada da imagem cristã.

Seu Tonho passeava os olhos pela casa e via que tudo continuava o mesmo. A mesma calma e a mesma paz exterior de sempre. Até a rêde armada no corredor para os tempos de chuva e os cachorros deitados calmamente com as orelhas enormes, descansando-as como um leque aberto. Lá fóra a tempestade, a treva, o tumulto da natureza envolvendo a noite. Dentro de casa a mesma quietude de uma noite calma. Porém mais interiormente, dentro dele proprio, a tempestade da vida abalava-o na tropelia dos sentimentos mais confusos e inquietantes. Pois seu Tonho continuava agitado pelos ultimos acontecimentos. Caminhando em lar-

gos passos pela casa em silencio, debatia-se longamente no que lhe sucêdera e no que ainda lhe ia suceder. Pensava completar logo o dinheiro, ir ao coronel Roberto e humilhar-se junto a ele. Pedir desculpas e prometer-lhe tudo que quizesse. Depois tudo ia fugindo e os bigodes agressivos e a barriga proeminente iam aparecendo num angulo superior, sem querer explicações. Aí tudo se confundia e ele não sabia nada mais, até que por fim ele ia saindo dali numa canôa sem saber para onde, sem destino certo, perseguido por alguns homens armados que apressavam a retirada. Ainda de longe, olhando para traz via um clarão de incendio, e as labarêdas enormes como linguas de fogo, lambendo tudo, envolvendo a casa, apagando os ultimos vestigios que deixára. E ainda Manuel correndo como um doido para a cidade querendo vingar. Tudo acabado e desfeito, depois de tantos anos de luta. D. Julia chorando, Dalina chorando e os meninos em gritos. Até que um estrondo mais forte se ouvia e seu Tonho fugia a estes pensamentos, voltando á realidade que o cercava. A casa em silencio, tudo calmo e lá fóra os estrondos da noite chuvosa.

Um vento mais forte escancarou a porta. Uma rajada fria invadiu a sala carregando papéis, derrubando objéto. A luz raquitica da vela tremeluziu e apagou-se num sopro. Algumas flôres de papel saíram pela sala levadas pelo vento. E a imagem embalçou-se na parede. Seu Tonho fugiu a seus pensamentos e olhou para a imagem sem vela, prestes a cair. Pela porta aberta entravam grossos pingos de chuva. Dalina levantou-se e veio fechar a porta. Endireitou depois a imagem na parede, acendeu a vela e recompôz tudo.

Seu Tonho acompanhou os passos da filha. Viu-a sentar-se na esteira junto a D. Julia, que tinha um aspécto angustiado. Os cabelos desalinhados, caídos nos ombros, e no rosto o sinal denunciador de muitas noites de insônia. Olhou novamente a imagem palida através da tenue luz da vela pequena. Os ouvidos estavam surdos para todos os ruidos. E todos os seus sentidos foram se confundindo numa só percepção. Novamente os temores e as previsões de acontecimentos futuros continuavam martelando seu cerebro cansado. Na mesma sala já estavam conversando e lá de dentro vinha a voz de Manoel chamando Aurinda. Seu Tonho nem se movia, sentado como estava com a cabeça perdida em divagações. Também não estava ouvindo as vozes de fóra, as que vinham das outras pessoas, pois dentro dele uma voz mais forte ressoava como um grito de desespero e de aflição.

Manoel apareceu na sala trazendo uma esteira sobre o braço. Ia deitar-se ali junto para fazer desaparecer aquele aspécto de sentinela de defunto, pois todos estavam calados e ninguem encontrava palavras para encher o silencio. Ele também chegou calado e triste, porém esforçou-se por parecer despreocupado.

— Tio Tonho, amanhã nós precisamos ir á

roça pra ver se caiu algum cercado. Desde ontem que a chuva tá forte e parece que a água carregou muitas cercas. Hoje eu soube que o cercado do Candocha foi abaixo.

Seu Tonho fugiu um pouco da sua abstração e respondeu laconico.

— Tá bem. Amanhã nós vamo.

— Também acho que a gente deve ir ao mato para vêr como vai o gadinho.

Seu Tonho não disse nada desta vez. Ficou mais alheiado a tudo e Manoel resolveu conversar com os outros. Aurinda estava longe e ele disse para ela num desejo de comunicação.

— Aurinda, eu quero lhe dizer uma coisa boa. Chegue aqui perto de mim.

Ela levantou-se da esteira distante e veio para junto. Manoel disse ainda:

— Mais perto de mim, ande.

Aurinda agachou-se juntinho descansando o queixo no seu ombro masculino.

— Olhe, nestes três dias nossa casinha está pronta. Depois da manhã nós já podemos mudar.

Aurinda não sentiu tanta alegria porém demonstrou uma imensa satisfação. Abraçou Manoel e ficou cochichando baixinho.

A chuva continuava forte, e o vento canta-

va no telhado. Os estrondos se sucediam. A noite parecia multiplicar-se em treva e escuridão. Seu Tonho continuava pensativo e triste. Aurinda disse alto para ele ouvir:

— Agora a chuva vai continuar assim. Vai ser um ano bom. Que chuva boa esta de hoje. Parece que vai ter fartura.

Seu Tonho não estava vendo a beleza da chuva. Acostumado a esperá-la, ansioso, como um presente dos céus, sorrindo contente às nuvens escuras, neste momento o que sentia mais perto eram os estrondos e o vento. Pois a tempestade despertou nele a aproximação do perigo. E a sombra do medo se estendeu como a de uma ave agourenta.

Manoel silenciou um pouco e ouviu lá fóra um rumor diferente. Nem a chuva, nem o vento, porém, um rumor característico de cerca abatida, misturado com o ruído dos animais em disparada. Ele adivinhou num instante e gritou para o tio.

— A chuva derribou o chiqueiro das cabras. Elas tão se soltando nos matos.

Seu Tonho levantou-se ligeiro. Manoel abriu a porta e saiu na chuva. Seu Tonho deu um salto e correu para fóra. Então os dois se perderam na noite em procura dos animais fugitivos.

## Concurso De Reportagens

No intuito de divulgar aspectos e problemas do Brasil, SEIVA, a partir do proximo numero concederá um premio de 100\$000, á melhor reportagem recebida, desde que se enquadre nas condições abaixo:

1 — A reportagem pode versar sobre qualquer tema e deve têr no maximo quatro (4) folhas de papel formato officio, datilografadas a dois espaços.

2 — Acompanhando a reportagem devem vir, pelo menos, duas fotografias relacionadas com o assunto, acompanhadas das respectivas legendas

3 — Além da reportagem premiada poderão sêr concedidas Menções Honrosas.

4 — Os originais não serão devolvidos em nenhuma hipotese.

5 — As reportagens deverão sêr rigorosamente ineditas.

## MIRANTE

No dicionário meio ruinzinho, que habita todas as estantes do Brasil, diz na letra M: "Mirante — Pequeno pavilhão ou terraço no alto de um edifício ou em qualquer ponto elevado, donde se abrange largo horizonte". Aqui será nosso mirante. Daqui abrangeremos um largo horizonte. E falaremos do que enxergarmos nêle.

## A FUGA DO HUMOR

Antonio de Alcantara Machado fala, numa crônica, sobre a tristeza do estudante brasileiro de hoje. Porém, devemos considerar, primeiro, que nossa época não é própria para risadas: é tenebrosa demais. Mas, si isso pode ser rejeitado como um motivo, este segundo deve pesar: a falta de tempo. Há o cinema, o futebol, a praia, a namorada que mora longe. Em uma palavra: há a cidade-grande, tentacular, absorvendo-os e dispersando-os. E o estudante isolado é um homem comum. E o homem comum do nosso século é um espetáculo bem triste. A tristeza atingiu todas as classes. Somente os inocentes e os idiotas ainda riem com despreocupação. Mas a inocência acaba com a puberdade e a idiotice é um preço muito alto para semelhante ventura. Fica somente o homem comum, o homem médio, que até para rir se esconde. O riso fugiu do sol e refugiou-se nos abrigos de lata, trancado nos filmes. Só se ri no escuro. Rir no escuro é mais fácil. Os sisudos podem fazê-lo sem ninguém saber. Os tímidos podem escancarar-se em gargalhadas tremendas. Quando acende a luz o humor desaparece. Façamos silêncio, pois, e andemos com ordem. A cada dia que passa cresce a luta pela vida e aumenta o raio de ação dos aviões de bombardeio.

## OS INTELLECTUAIS E O ESPORTE

Notícias do sul contaram que Amadeu Amaral Junior reuniu alguns jovens paulistas afim de realizarem uma segunda Semana de Arte Moderna. Organizaram então um decálogo que contém muita coisa interessante, muita coisa que, realizada ao pé da letra, prestará um grande serviço

# Mirante

à cultura brasileira. Particularmente interessante, porém, é o item dez. Segundo êle os intelectuais vão praticar esportes e será melhorado o nível intelectual dos esportistas. Augusto Frederico Schmidt jogará de centro-avante e Leonidas lerá o poema "Aparição da Amada". E parece que neste intercambio somente Schmidt lucrará, pois perderá alguns quilos, enquanto que Leonidas ficará melancólico, perderá o entusiasmo e o Flamengo será obrigado a afastá-lo da equipe. Mas, pulando por cima disso, não podia haver idéia melhor. Os intelectuais, que quasi sempre são sujeitos de físico ordinário e enormes olhos, vestirão calções e irão para o sol. Eles, eternamente despresados pelas donzelas que preferem os atletas, não precisarão mais libertar seus recalques criando galãs bem sucedidos com o belo sexo: criarão músculos, ganharão um saudável ar esportivo, e legiões de fans. Serão organizados campeonatos. As províncias enviarão delegações ao Rio. Na certa existirão regulamentos próprios, proibindo recursos ilícitos, como por exemplo Jorge de Lima, no meio de uma competição, ler o seu poema "Cristo-Peixe" para contundir o adversário. Com esta segunda Semana de Arte Moderna, especialmente com o item dez, inaugura-se, não ha duvida, uma nova época para a literatura brasileira.

## SOBRE POESIA

Hoje em dia, quando se vai escrever uma notícia, artigo,

ou qualquer trço sobre poesia, tornou-se chapa batidíssima o sujeito colocar Augusto Frederico Schmidt na primeira linha, berrando: "Do alto das minhas respeitáveis banhas vos asseguro: a poesia morreu". Então o escrevinhador que quasi sempre fala sobre algum amigo, declara: Não, senhores e senhoras! Schmidt está redondamente enganado! Querem vêr? Leiam o ultimo livro do poeta Sicrano, etc. e tal.

Ora, eu não estou escrevinhando nenhum trço sobre amigos, no entanto invoco Schmidt. E digo: a poesia não morreu. Esta certeza me invadiu ao lêr, na "Revista de Cultura", Ano XV, N. 172, Abril de 1941, Rio de Janeiro, uma poesia de Dona Maróquinha Jacobina Rabelo, aonde existem citações de S. Mateus e S. Lucas, com notinhas á margem. A primeira coisa que me veio á mente foi: Maróquinha não é nome de poetisa. Mas vocês poderão dizer que isso é um preconceito, e Machado de Assis concordará, pois êle já atacava os autores que só dão ás suas "velhas" os nomes de Joana e outros semelhantes. Mas existem preconceitos tão arraigados que nenhuma logica é possível contra êles. Lemos com agrado poesias de Yonne, de Lilla, de Cecilia, nunca as de Dona Maróquinha. Mas, si a "Revista de Cultura" aprovou-a e publicou-a, isto só serve para atestar que a poesia, longe de estar morta ou agonizante, atravessa uma fase de pujança, a ponto de poder suportar que uma poetisa se chame Maróquinha e bote Dona na frente do seu nome. — A. C.

# TRES PAGINAS INCONSISTENTES

TELMO VERGARA

## I. LA SCIENCE.

No gabinete do ilustre e sabio homem, situa-se LA SCIENCE, estatueta de gesso.

A um canto do gabinete, LA SCIENCE está sobre a coluna de jacarandá duvidoso e mostra meia coxa, uma perna e um pé.

LA SCIENCE, estatueta de gesso, parou de folhear o grosso infólio, o encorpado Corpus Juris Civilis e olha, ausente, melancolica.

O olhar de LA SCIENCE é farto de sabedoria.

O ilustre e sabio homem chega perto e sorri.

Então, LA SCIENCE, que tinha á mostra meia coxa, uma perna e um pé, LA SCIENCE, estatueta de gesso, despe-se toda. Fica nua, nuinha. Estende os braços gostosos para o ilustre e sabio homem. Sorri tambem.

E murmura:

— Viens, chéri!

## 2. O JOGADOR.

Na mesa da saleta escura os dois amigos jogam a *escova*.

O que acabou de jogar sorri um sorriso de vitoria e conta as tábuas do teto. As mãos do que vai jogar tremem. Os seus olhos têm cintilações de homicida que premedita. A carta tambem treme na mão tiritante.

O homem pensa: "Será az que ele tem na mão? Será rei?"

Mas o anjo da guarda, de longas e magostas asas brancas, abre a porta lá dos fundos, e entra pé por pé, e lhe chega ás costas e lhe bate ao ombro. Susurra:

— E' az, meu amigo...

## 3. AMBIENTE NO BICO DO SAPATO.

Deitei á meia noite, levantei ás cinco, e peguei o vaporzinho, e viajei, e fui ganhar dinheiro.

Cochilo no salão da 1º classe, ouvindo a conversa do medico enfatuado, que volta pros 1000 contos da fazenda da mulher. Mas, de vez em quando, abro um olho e contemplo a arvorezinha, que passa na janela.

No bico do meu sapato o globo amarelo se olha. O globo bebe todo o ambiente. Prodigiozinho, pequeno fenomeno, eu carrego um ambiente no bico do sapato.

No Posto dos Alienados que já podem trabalhar, engradeados no cercado quadrado, os malucos correm para um lado e outro. Dormitam, estendidos no chão, olham longe, encostados no moirão de pedra, olham longe, longe... E não vêm o vaporzinho normalissimo, que passa com os homens normais, com o medico enfatuado, comigo que vou ganhar dinheiro e sou o pequeno prodigio, que carrega um ambiente no bico do sapato.

O vaporzinho, cháque — cháque, continua. Pra traz. Pra traz.

Lá no barranco da margem, emoldurados de sól, amordaçados pelo vestido vermelho, os dois seios mornos querem saltar, que-

rem cair sobre o vapor, enormes, cheios, querem afundar o vaporzinho.

Numa das margens as casas daquela vila, acoradas na barranca, olham com raiva as casas desta vila. E as casas desta vila, superiores, sorriem um reflexo incendiado e faiscante, reflexo que vem das janelas de guilhotina, da agua do rio, das pedras da escada do trapiche. (O traço verde da ilha fina. A lata velha na ponta do banco de areia).

O ventinho fresco desta vila me beija na bôca, com o beijo frio, asfixiante e longo.

O Chevrolet barulhento me despeja no hotel. O dono do hotel pergunta, gentil:

— O senhor é Caixeiro-Viajante?

Suspiro. Respondo:

— Infelizmente, não. Simples bacharel, que veio ganhar dinheiro, mas que ainda agora carregava um ambiente no bico do sapato...

# O CASO HESS E A INVASÃO DA RUSSIA

*A segunda guerra imperialista não fica a dever em surpresa, o que ela tem de misterioso.*

Basta o caso de Rudolf Hess para nos encher as medidas. Mas, justamente, analisando a "sensacional "fuga" do lider alemão, nós vamos perceber que é a imprensa capitalista a responsavel pelos "misterios". Assim, a tragi-comica descida de Hess em visita á ilha inocupavel foi apresentada á opinião mundial com as mais ridiculas explicações (loucura, fuga, e isso e aquilo) numa evidente intensão de desviar a atenção dos povos das maquinações imperialistas.

E' pueril considerar este fato

como desprovido de designios politicos. Na verdade, Hess, que ocupava logar de destaque na campanha anti-sovietica, como acentua a imprensa londrina, está a serviço da mais maquiavelica trama do nazismo. "Sua visita pode ter sido inesperada, mas nunca desagradavel", disse Mr. Duff Cooper...

Hess foi negociar indiscutivelmente uma tregua entre a Inglaterra e a Alemanha, para esta invadir a União Sovietica. E lá está como "refen".

Por isso, ele declarou ao chegar em Londres: "a minha missão é salvar a humanidade". De fato, Hess foi um "mensageiro da paz". Estamos vendo...

# Entradas Da Civilização Paraibana

LUIZ PINTO

Varios fatores de ordem social e economica, nos anos recuados que mediam entre 1500 até 1600, concorreram para a colonização das terras paraibanas e para os primeiros surtos de sua civilização.

A luta instantane que se espraiava por todo o territorio do Brasil, ou para destruir e domesticar o selvagem ou para defender a terra da ação do flibusteiro, a coragem organizada do bandeirante, tudo ia convergindo para o dominio completo do futuro pais encontrado acidentalmente pelos navegantes lusitanos.

Enquanto as missões religiosas, os representantes da corõa portugueza, com seus soldados e escravos, concluíam a conquista de Pernambuco, que era a sede de irradiação para a civilização do nordeste, a Paraíba ainda dormia na tranquillidade selvagem de Piragibe, que, aliado aos francêses, era o chefe bravio dessas formosas montanhas do Sanhauá.

A divergencia dos Tabajaras com os Potiguaras acelerou um pouco a conquista da Paraíba e chegou mesmo a facilitá-la. O atentado de Tracunhanhem preoccupou grandemente o governo de Luiz de Brito de Almeida. E' que a influencia do mameluco sobre o gentio de Copaõba deu em resultado aquele massacre, que foi um grito de alerta ao portuguez lerdo.

Aquilo era uma especie de reeldia nativa. A luta do filho da terra ignorada em calefrios de bravura, afim de repelir a mão branca da civilização, que era para ele como que a morte de todas as suas illusões, de todos os seus sentimentos de liberdade.

O francês constituia o colono da Paraíba. Mas, somente no sentido de lhe colher os productos, enganando o indio ingenuo e elevando a mancheias, o pau brasil que, na expressão de Ga-

lante, Vicente do Salvador ou Capistrano era o melhor de toda a região. E isso se constata mesmo depois, em 1586, quando a renda dessa excelente madeira deixava, aos cofres publicos a elevada soma de 1:600\$000.

O Ouvidor Geral de Pernambuco, Fernão da Silva, fracassou na sua tentativa de conquistar a Paraíba. E a essa tentativa seguiram-se outras. Primeiramente, pelo proprio Luiz de Brito de Almeida, que, como Fernão, tambem não logrará nenhum exito, deixando a empresa por algum tempo no esquecimento. Na gestão de Lourenço da Veiga e estando D. Henrique no poder em Portugal, o caso da Paraíba voltou ao cartaz. E eis que Frutuoso Barbosa aceita a incumbencia de empunhar nas margens do Paraíba o facho da civilização portugueza. Todavia, o velho comerciante pernambucano foi infeliz nos seus planos. Acidentes e imprevistos fizeram-no retroceder da primeira vez. E da segunda, após a vitoria da Restinga, segue-se-lhe uma derrota em que, numa emboscada, perdera 40 homens além de um filho.

Essa derrota de Barbosa fez com que o governo mandasse á Paraíba o general espanhol, Diogo Flores Valdez, que havia sido destroçado no Estreito de Magalhães.

Valdez ainda conseguiu fundar o forte de S. Felipe e S. Tiago, hoje Forte Velho, mas o medo o fez correr, abandonar tudo e voltar a Pernambuco.

A civilização estava recuando. O ambiente era hostil ao elemento conquistador.

Martim Leitão foi, porém, o cabo de guerra de todas as resistencias. A ele, á sua coragem, intrepidez e bom senso guerreiro se deve a colonização da Paraíba.

Dentro do ano de 1585 Leitão

enfrentou e venceu todas as dificuldades. Pelejou com Piragibe e conseguiu a sua aliança, estabelecendo as pazes com o chefe Tabajara, a 5 de agosto, e podendo, a 4 de novembro desse ano de vitorias, desembarcar materiais, escravos, familias e apetrechos de guerra, para oferecer uma nova vida á terra nova.

Meia conquista já se anotava. E a cidade de N. Senhora das Neves começava a se edificar.

Podem se apontar muitos nucleos que serviram para os primeiros impulsos do progresso paraibano, antes do dominio holandês, isto é, de 1501 a 1624.

E' verdade que são heterogeneos os elementos que derramaram civilização nas terras da Paraíba. As fontes do litoral que talvez se possam chamar a civilização da agua, chegaram mais cedo, ao passo que, as do sertão, que se determinam do pastoreio, a civilização do couro, só mais tarde foram despontando.

Os atravessadores e flibusteiros, com a entrada e saída de suas naus, emboscando a industria da terra piragibiana e os aventureiros que seguiram o Paraíba, provindos da Bahia, de Pernambuco, de Itamaracá, eram em tudo diferentes daqueles sertanejadores que vieram a pé, pelas linhas ocidentais, envoltos em couro e de mosquete á mão, como nos informam Afonso de Taunai, Pedro Calmon e Bazilio de Magalhães.

No litoral a civilização da agua trazia a cana, trazia o negro, trazia o engenho, para se firmar no açúcar, no pau brasil, auxiliada com o plantio do feijão, do milho, da mandioca, que já eram conhecidos pelo indigena.

As conquistas ocidentais traziam outras características. Apresentavam outros emblemas. E isso começando de 1676, quando as

bandeiras bahianas e paulistas, com Domingos Jorge Velho e seus companheiros, soltavam nas chapadas nordestinas a mesma semente de evolução que fez florescer a zona do S. Francisco que, na observação de Capistrano, foi um condensador de populações.

O litoral foi o Paraíba que o construiu. E em torno dessas populações que margeavam as águas podem figurar como núcleos coordenadores que de logo apareceram, a Bahia de Acejutibiró, Tibiri, Marés, Gramame, Cabedêlo e Forte Velho que, mais tarde, em épocas posteriores, teriam de ser substituídas por Pilar, Itabaiana, Areia e Manganape, quando novas lutas nos levaram a novas conquistas e novas glorificações.

O negro concorreu muito para a civilização litorânea. Entrado em varias comboiadas, êle foi elemento forte na guerra e na conquista do interior. Muito se destacou pela calma, lealdade e obediência, embora o seu papel preponderante haja sido no engenho, cuja evolução foi muito rápida nas varzeas do Paraíba e mesmo na zona brejosa da Capitania.

O padre foi um fator decisivo na colonização paraibana como o foi na colonização brasileira.

O capuchinho, o beneditino, o jesuíta, trouxeram contingentes elevados de civilização á conquista da Paraíba. E para positivar a sua ação construtora na difusão do ensino e na organização do trabalho, não se fez tardar a sua poderosa colaboração, representada na Santa Casa de Misericórdia e nos mosteiros de S. Bento e S. Antonio.

Atualmente já não se pôde contestar a ação de Domingos Jorge Velho na conquista dos sertões paraibanos, pois que, para comprová-la, Afonso de Taunai, citando as melhores fontes e documentos, exgota o assunto. Todavia, a zona sertaneja da Paraíba deve grande parte de suas conquistas ao destemor dos Oliveira Lêdo. Pedro Calmon, Irineu Joffli, Coriolano de Medeiros, Basílio de Magalhães e o proprio Afonso de Taunai esclarecem todos os passos desses destemerosos bandeirantes bahianos na edificação deste longinquo pedaço do Brasil.

Calmon, enumerando as bandeiras que seguiram o Paraíba e se referindo ao Lêdo, diz: "Anto-

nio de Oliveira Lêdo pacificava e percorria os sertões da Paraíba do Norte".

Para esclarecer melhor o auxilio da bandeira paulista na terra de além Borborema, podemos citar Loreto Couto que diz haver Manoel Araujo de Carvalho conquistado os sertões do Piancó, Piranhas e Cariris, em fins do seculo XVII. Lira Tavares abona essa opinião e arrola tambem entre os bandeirantes paulistas, Manoel Alvares de Moraes Navarro, Manoel de Abreu Soares, Domingos Afonso e Domingos Jorge Velho. E' que Tavares supõe que Piancó vivera sob o dominio de Francisco Dias D'Avila, proprietario no S. Francisco.

Porém é o proprio Lira Tavares que nos demonstra que Antonio de Oliveira, em 1670, requeria terras no ponto onde já criava gado ha muitos anos atrás, proximo da atual cidade de Patos. Lira Tavares tambem acha que a familia Oliveira Lêdo, que é das bandeiras bahianas, foi o principal elemento na conquista dos Cariris Velhos e Pombal.

A concentração de diversas tribus na ultima década do seculo XVII, chamada a confederação dos cariris, já reunidos antes com os tapuias, contra os brancos, composta de tupinambás, sucurus, panatis, icós e core-

mas, custou á ser dominada pelos bandeirantes sob a direção de Teodosio de Oliveira Lêdo, havendo 3 anos de lutas.

Segundo Irineu Joffli, Teodosio Lêdo, comandando uma bandeira sertanista e chegando á missão do Pilar, seguiu acompanhando o Paraíba até o Boqueirão da serra do Cornoyó, cuja povoação fundou e deu o mesmo nome. A sua bandeira avançou ao poente até Piranhas. E em 1697 Oliveira Lêdo já era Capitão-Mór das Piranhas e Piancó, conforme uma carta traduzida e publicada por Irineu Joffli, que existia na Biblioteca Publica da Paraíba.

Afonso de Taunai sobre o dominio da familia Lêdo, na conquista dos sertões paraibanos, tem paginas maravilhosas. Ele tenta contestar Joffli e Coriolano de Medeiros, como a provar que o bandeirante paulista teve nessas conquistas, um papel idéntico ao bandeirante bahiano.

Mas, numa analise imparcial e detida, verifica-se que os Oliveira Lêdo foram os grandes povoadores dessa região, embora não possamos contestar a influencia exercida por Domingos Jorge Velho e seus companheiros, influencia que não se cingiu somente á Paraíba, mas se deram por quasi toda a região do Nordeste.

## REVISTAS RECEBIDAS

### BRASIL:

*Planalto* — Quinzenario de cultura, São Paulo, Ano I. Num. 2. "Planalto" é um interessante jornal, dirigido por Origenes Lessa, e apresenta ótimos artigos.

*Terra Imatúra* — A revista de hoje! Belém do Pará, Ano III. Num. 13.

### ARGENTINA:

*Revista Hispanica Moderna* — Buenos Aires, Argentina, Ano II, Num. 1.

### CUBA:

*Ultra* — Revista de cultura contemporânea, Apartado 1649, Havana, Cuba, Nums. 56 e 57.

*Cervantes* — Revista bibliogra-

fica mensal ilustrada, Apartado 1115, Havana, Cuba. Nums. 3 e 4.

### MEXICO:

*Educacion* — Revista de Pedagogia e orientação sindical, Apartado 7964, Mexico, D. F., numeros 12, 13 e 14.

*Aula* — Revista de la Escuela Nacional de Maestros, Mexico, D. F.

### URUGUAI:

*Afirmación* — Revista de idéas e ideais — Rio Negro 1269, Montevideú, Uruguai, Num. 2.

*Andéu* — Orgão da Aliança Democratica de Trabalhadores Intelectuais — Avenida Burgues, 3428, Montevideú, Uruguai.

# EDUCAÇÃO

## Ação Social Da Escola Rural

AURELIANO ESQUIVEL CASAS

A ação social da Escola Rural se baseia nos seguintes postulados: A escola deve sair de dentro de suas quatro paredes; deve haver plena interpenetração entre a escola e a comunidade; a escola é a casa do povo e o povo é a casa da escola; nada do que se refere á comunidade deve ser estranho á escola; o profundo sentido da escola rural mexicana é unico: trabalha para a comunidade como uma unidade, e não somente para as crianças.

Os aspectos da vida da comunidade, que motivam a ação social da escola rural são os seguintes: regime de produção; higiene e salubridade; situação jurídica e social da mulher e da criança; melhoramento da vida domestica; assistência social ou ação de serviço social; ação cultural; recreação; ação política. A escola assumirá o papel de promotor ou de auxiliar; o primeiro, quando seja a unica agencia de cultura; o segundo, quando nas comunidades respectivas haja instituições ou autoridades responsáveis pelo que se deva fazer.

O estudo do regime de produção origina a consideração dos seguintes pontos: distribuição dos meios de produção; organização da industria de transportes; principios e bases do comercio; organização e funcionamento do credito de proteção agricola; bases e principios que rejam á distribuição da riqueza produzida. Os estudos anteriores não se farão para constatar fatos, mas para transformar situações e determinar novos fenomenos, isto é, novos fatos. Achamos que o mestre deve planejar um ensaio de regime socialista. Para isto, procurará a distribuição das terras, aguas, montes e bosques; organização de um amplo sistema de reforma e emprestimos; redação de instruções para o cultivo da terra, criação de animais domesticos, pequenas industrias, trabalhos rurais, e aproveitamento dos demais recursos naturais da comunidade; o melhoramento das comunicações: pontes, caminhos, estradas, serviço postal, telefones, telegrafos e qualquer outro meio de relação que de alguma forma esteja ao alcance da ação da escola; organização de cooperativas; coletivização e socialização dos trabalhos produtivos da comunidade; distribuição proporcional da riqueza produzida; aproveitamento intensivo do solo. O trabalho anterior requer: fomentar o habito do trabalho; combater os vicios sociais e aproveitar as horas de ocio.

### HIGIENE E SALUBRIDADE

A hygiene e a salubridade constituem um aspecto muito importante da vida rural. Requer co-

nhecimentos, propositos claros e vontade forte para realiza-los. Neste caminho a escola terá que lutar com a falta de cultura e os enormes preconceitos que pesam sobre as populações camponezas. Para conseguir algo, o mestre orientará seus esforços para os seguintes pontos: formar habitos de hygiene pessoal, introduzir costumes de salubridade publica, organizar trabalhos permanentes de hygiene e de salubridade, melhorar as ruas, as praças e os jardins publicos, procurar fazer com que não se interrompa a formação dos costumes nem dos habitos de hygiene, cooperar nas campanhas que se organizem para prevenir ou para combater as enfermidades. Não será demais acrescentar que a base da hygiene e da salubridade das populações do campo — além de outras coisas de suma importancia — é a abundante provisão de agua para os "usos de boca e mãos".

### SITUAÇÃO JURIDICA E SOCIAL DA MULHER E DA CRIANÇA

A conquista de uma situação jurídica e social, satisfatoria para a mulher e a criança, sugere, no momento, os seguintes trabalhos. Quanto á mulher: procurar que a situação social e jurídica da mulher seja igual á do homem; pugnar por que os trabalhos da mulher se desenvolvam nas melhores condições de salubridade e de hygiene; fazer com que se tenham pela mulher grávida as considerações e cuidados que requer o seu estado; trabalhar para que a mulher, em todos os momentos de sua vida, gose de um ambiente de dignidade e respeito.

Quanto á criança: evitar que os meninos façam trabalhos superiores ás suas forças; impedir que realizem trabalhos perigosos, anti-higienicos ou insalubres; fazer com que recebam uma educação de acôrdo com suas aptidões e com seus interesses e de acôrdo com os interesses da comunidade; procurar que o menino, nas diversas etapas de sua vida, desfrute de um ambiente de dignidade, de respeito e de trabalho; evitar que sofra castigos desproporcionais á sua idade ou ás suas faltas, abolindo os castigos corporais.

### VIDA DOMESTICA

O melhoramento da vida domestica talvez seja, na hora presente, o *desideratum* de mais força da escola rural. A desintegração da familia marcha a passos largos nas cidades, mas não se passa o mesmo nos campos. O que explica a tenacidade do camponés e o seu empenho, aderindo á gleba muitas vezes improdutiva, é o amor aos seus,

à sua terra, aos seus antepassados, a seus filhos, a ele próprio. Para que trabalhar, si não é no seu próprio lar? Naturalmente há muitos desvios, mas estes são exceções. A maior parte das populações do campo trabalha para sua mulher e para seus filhos, e isto não lhe impede chegar até ao sacrifício de sua própria vida pela defesa de seus interesses e de seus ideais. Há pessoas que pensam que a escola rural não deve ocupar-se com os problemas da vida domestica. Não sabemos por que. Que há fóra da vida da família que interesse ao camponês? E como é possível que a escola se despreocupe do que mais importa á gente do campo? Por outro lado, não se deve confundir trabalhos domesticos — que ás vezes se fazem nas escolas com um sentido meramente escolar — com os trabalhos de ação social que a escola deve empreender para conseguir um melhoramento nos lares camponeses.

Estes são, em termos gerais, os seguintes: melhoramento da alimentação; inteligente e discreta educação no vestir; melhoramento da habitação nas suas varias dependencias; enobrecimento das relações familiares; recreação do lar; fomento das relações sociais; educação e cultura da família.

Os problemas de assistência social, em seus aspectos mais comuns, são: prestar atenção ás crianças orfãs e desamparadas, aos anciãos desvalidos, aos enfermos sem alimentos para procurar sua saúde, bem como aos individuos normais, de qualquer gráu, que não possuam recursos ou não os tenham suficientes para remediar sua situação; organizar os serviços indispensaveis de maternidade e proteção á infancia; procurar o auxilio do órgão social competente e contribuir em todo trabalho que vise remediar a sorte dos desherdados da vida, qualquer que seja a causa de seus problemas. A ação complementar da assistência social será sempre a campanha contra os vicios sociais, pois são eles uma das principais causas que determinam a ruína social dos povos.

#### AÇÃO CULTURAL

A ação cultural da escola é muito ampla. São os seguintes os pontos mais importantes dessa ação: melhorar a escola da comunidade, organizar biblioteca e salas de leituras, realizar trabalhos de educação popular, fomentar a leitura de livros, jornais e revistas que tratem de problemas especificos da comunidade e os que tratem de assuntos meramente culturais, favorecer o conhecimento das grandes obras do pensamento humano, particularmente as que mostrem a marcha dialetica do mundo e da vida social, favorecer o ensino da musica, do canto, da dança, promover a educação fisica, jogos e esportes, organizar reuniões semanais para nelas se conhecerem e discutirem os principais acontecimentos do país e do mundo, promover a instalação de novas escolas, e melhorar a tecnica dos trabalhos do camponês.

#### RECREIO ESCOLAR

Ninguém se tem ocupado até agora em estudar a fundo o problema do recreio na escola e na comunidade. Inicialmente, na escola não se tem nenhuma noção do que seja o recreio, quando este existe, pois que geralmente ele é abandonado. E os mestres em geral não sabem para que deve existir o recreio. Si se lhes interroga, respondem

que serve para que os meninos descansem. Mas, si se lhes pergunta acerca das medidas que hajam tomado para que o recreio seja uma verdadeira fonte de descanso e de prazer, o silencio mais profundo responderá nossas palavras. Pelo que diz respeito á comunidade, nem se fala. Ninguém pensa sequer no assunto. Quando alguma coisa se tenta levar a cabo nesse sentido, produz efeito negativo. E um programa serio de recreio e de cultura ninguem estudou até hoje. No entanto, nada mais importante no que se relaciona com o grande e complexo problema da escola rural. Neste sentido, as escolas do campo podem fazer o seguinte: fomentar as festas populares, favorecer o ensino da musica, do canto, da dança, os jogos e esportes, cultivar reuniões sociais e civicas, combater o uso das bebidas alcoolicas nas festas, organizar festas e reuniões inter-comunais, favorecer todas as iniciativas culturais.

#### COMO REALISAR

Até agora temos falado do que a escola rural pode fazer em materia de ação social. Vamos agora mostrar como pôde realizar. O mestre notará os problemas mais importantes da comunidade, em todos e cada um de seus aspectos, que se tenham considerado anteriormente; documentará o mais que seja possível acerca desses problemas. Para isto, fará estudos pessoais, pedirá informações ás oficinas tecnicas correspondentes, solicitará ajuda de pessoas melhor informadas. Com estes elementos elaborará um plano de trabalho, insistirá nos projetos empreendidos até concluí-los. Celebrará a conclusão de cada tarefa com uma festa popular e ao mesmo tempo cuidará da formação dos habitos sociais convenientes.

O mestre não deve deixar-se desconcertar pela aparente complexidade dos problemas anteriores, somados aos já numerosos da escola. Tendo em conta suas horas de descanso, necessarias e indispensaveis, deve formar seus planos de ação precisos, claros e praticos. Esses planos não devem complicar nem tornar difficil ou impossivel sua tarefa. Pelo contrario, o fato de serem projetos devidamente planificados, deve significar ajuda e apoio para o mestre e não estorvo nem multiplicação imprudente de trabalhos. Assim, determinando um certo tempo para cada trabalho, empreendê-lo com resolução e energia. A força de vontade que se ponha para levar a cabo os planos e projetos pensados, si fôr grande, vigorosa, servirá de alivio e de apoio.

#### CONCLUSÕES

1ª — A ação social da escola deve orientar-se no sentido dos interesses e problemas da comunidade. Os mais importantes são os que derivam de:

- a) — Regime de produção.
- b) — Higiene e salubridade.
- c) — Situação juridica e social da mulher e da criança.
- d) — Melhoramento da vida domestica.
- e) — Assistência social ou ação de serviço social.
- f) — Ação cultural.
- g) — Recreio.
- h) — Ação politica.

2ª — A escola terá o carater de promotora ou de auxiliar da ação social. Promotora, em todas

as comunidades em que seja a única instituição de cultura. Auxiliar, quando haja outras instituições superiores.

3ª — Para desenvolver seu labor social, a escola terá em conta as seguintes normas:

a) — Procurar não lesar interesses alheios, nem ferir susceptibilidades, nem provocar suspicacias, salvo quando seja absolutamente necessário em bem da comunidade.

b) — Desenvolverá o trabalho de informação e de propaganda que seja necessário para contar com o apoio de toda a comunidade, ou ao menos da maior parte.

c) — De acôrdo com a segunda conclusão, a escola promoverá a realização de obras de interesse social ou ajudará desinteressadamente a levá-la a cabo. Mas nem como elemento promotor nem como auxiliar, assumirá a direção de referidos trabalhos. Deixará sempre a direção dos mesmos em mão das instituições de cultura a que correspondam, por natureza de suas funções, ou em mão de uma comissão de camponeses, especialmente escolhida para o caso.

4ª — De acôrdo com os vizinhos, cada ano elaborará seu plano de ação. Para isto terá em conta o seguinte:

a) — Problemas importantes da comunidade de mais urgente resolução.

b) — Projeto para atacar cada ano um dos problemas anteriores: informação, pessoal tecnico, calendarios de trabalhos, equipos e material de trabalho.

c) — Empreendido um trabalho social, ele não será abandonado até que seja concluído, dentro das normas em que as circunstancias o tenham permitido, a menos que outro problema de interesse geral reclame a atenção imediata da comunidade e da escola. Contudo, a norma deve ser: *Acarbar todo trabalho iniciado*.

5ª — Ao terminar cada trabalho empreendido, a escola preparará uma festa social, na qual se dará conta das obras ou trabalhos realizados. Entre outros, devem ser lidos os seguintes informes:

a) — Origem dos trabalhos levados a cabo.  
b) — Projeto ou projetos que servirão de base.

c) — Historia dos Trabalhos.

d) — Resultados.

e) — O que resta por fazer dos trabalhos planejados.

f) — Problemas sociais que estão chamando a atenção da comunidade.

## MUSICA DO BRASIL

Mario de Andrade foi por muita gente cognominado o "Papa do Futurismo", e um escritor de jornal chegou mesmo a dizer que ele, "no pernóstico desvairamento da sua "Paulicéa", fez-se o pai putativo do motim literario brasileiro". Frisava ainda o articulista que o chamado futurismo nacional acanalha a ansia de libertação das velhas fórmulas gramaticas com uma graforréia destemperada e réles".

A critica sensata e honesta jamais poderá condenar, está claro, essa ansia de libertação de velhas formulas... que é sempre oportuna. E' mister que nos renovemos incessantemente, com efeito.

Danunzio tinha razão. Mas, não é escrevendo versos destituídos de beleza e cuja unica originalidade reside em não serem metrificados que adquiriremos a prerrogativa de alçar o lábaro da subversão literaria.

Em suma, Mario de Andrade, ao nosso vêr, é um lirista de segunda ou terceira ordem, e nisto, isto é, encarando-o na qualidade de manufaturador de estrofes, subscreveríamos o que a seu respeito exarou Tasso da Silveira em artigo transcrito pelo "Estado do Paraná", lá por 1925...

Apouca-o, muitas vezes, o mau gosto, um mau gosto pachola que se compraz em desconcertar os leitores.

Discorrendo acerca dos seus livros de versos, criticos existem que afirmam haver neles escassez de poesia... E é esta uma verdade irrefragavel.

O que não se lhe póde recusar, porém, são dotes marcantes de prosador. "Macunaima" e "Amar, verbo intransitivo", e até mesmo "Primeiro Andar" (em alguns contos) apresentam-se como obras que, desprezando-se certos tiques modernistas detestaveis (está no caso o chulissimo "pra" em lugar de "para"), merecem apreço e fazem jús a figurar ao lado das melhores produções dos denominados vanguardistas.

Como critico e historiador de musica, contudo, é que culmina o espirito arguto de Mario de Andrade. "Compêndio de História da Musica" constitue, sem favor, um estudo magnifico. Ainda se lhe exerce com mais eficiencia e acuidade critica em "Ensaio sobre Musica Brasileira".

Foi agora exposto á venda, de sua lavra, elegantemente apresentado, o volume "Musica do Brasil", impresso pela Editora

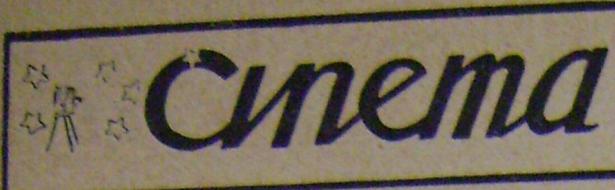
Guaira Limitada, constante de dois instrutivos ensaios — "A Evolução Social da Musica Brasileira" e "Danças Dramaticas Ibero-brasileiras".

Ninguem negará que sejam estes escritos dois produtos de erudição e cultura. Ambos confirmam a nossa opinião sobre Mario de Andrade. O critico e o historiador musical aí prejulgem, de novo, com grande finura e saber, tornando a mostrar-nos o folclorista notavel que já conheciamos, o amoroso veemente das coisas do Brasil, o fervido estudioso das expressões populistas da alma nacional. Em "Danças Dramaticas Ibero-brasileiras" estuda proficientemente as "cheganças", a "mourisca", as "canalhadas", a "chegança de mouros", "barcas e fandangos" e a "marujada".

Muita coisa interessante aprendemos versando o novo livro de Mario de Andrade, indispensavel a quem deseje conhecer a evolução da nossa musica e certos folguedos tradicionais que a rapida transmutação dos costumes vai fazendo desaparecer.

A Editora Guaira Limitada está de parabens por esta valiosa publicação.

RODRIGO JUNIOR



# Cinema

## UM MARCO NA HISTORIA DO CINEMA

Para os frequentadores de cinema, o nome de Hollywood vem sempre associado a jovens de "smoking", "girls" alucinantes, muitos "gangsters" e muitos "cow-boys". Em "night-clubs" de New York ou "ranchos" do "far-west", pouco importa:



Henry Fonda, um dos maiores astros que Hollywood já produziu, teve ótimo desempenho em "As Vinhas da Ira".

o filme desenvolve-se com seus "gags", suas lutas, suas coisas impossíveis, e no fim o mocinho casa com a mocinha. O espectador esquece na saída a leve pitada de moral que deve ter extraído do castigo que o vilão recebeu nos últimos metros da película. Conserva por alguns instantes o otimismo que o casal de astros lhe comunicou,

crente de que tudo termina bem na última cena. O filme não deixa nele nenhum traço bom, apenas cretinisou-o mais um pouco. E' verdade que lá uma vez ou outra, vinha um filme diferente. Limitava-se porém a tratar, quasi sempre superficialmente, problemas morais e filosoficos, conseguindo algumas dessas películas traduzir um profundo significado humano. Nunca, porém, atingiam o sentido social na acepção que este bino-mio tem ultimamente, o sentido coletivo. Mesmo Chaplin em TEMPOS MODERNOS, não se coloca nesta posição. Dir-se-ia que Chaplin situa as tragédias e depois sorri tristemente, conformado. Nos filmes de Chaplin o homem sofredor foge, ha sempre uma estrada longa para onde eles seguem, escorraçados. Ele não revolve brutalmente o espirito do espectador, deixando-o sem luz, á procura de uma.

AS VINHAS DA IRA, é pois, um marco na historia do cinema. Nunca até hoje Hollywood demonstrou tanta coragem. Não é a historia de uma classe que se lançou aos prazeres, que se aturdiu no turbilhão da vida moderna, dissolvendo-se, corrompendo-se, numa caça tremenda ao dinheiro, para um dia, ouvindo a gaitinha de um velho meio filosofo, concluir com uma ponta de resignação que DO MUNDO NADA SE LEVA. AS VINHAS DA IRA é uma historia de gente que sofre. São os miseráveis sem terra, dormindo em acampamentos. E' o povo, essa gente que não morre nunca, como diz "Ma" resoluta, no velho caminhão que leva os restos dos Joad atrás de parques vinte dias de trabalho. E' o povo na luta angustiada de todos os dias, esse povo do sertão que guarda o amor entranhado pela terra, e que um dia é escorraçado pelos tratores e pelos bancos. No meio da miséria, místico, o "Pregador" encontra uma luz. Tudo o que vive é sagrado! Pouco antes dos guardas o matarem, ele diz isso a Tom Joad, e Tom defendendo-o comete mais uma morte. Foge. Mas um dia a policia descobre-o. Tom desta vez partirá sosinho, sempre fugitivo, perseguido pelos guardas. "Ma" não se opõe. Tom Joad, decidido, traça o seu roteiro. Estará onde houver pobres famintos, onde houver guardas espancando os pobres... Estará no riso das crianças que vão comer... E depois que Tom parte a luta ainda continúa.

"Ma" é o simbolo da familia, da força desta familia rural, que se constitui enterrando profundas raízes na terra. A familia Joad é o atestado da fragilidade das raízes profundas, das raízes que vêm de seculos, e que a fúria cega dos tratores faz saltar, esmagando, destruindo... E a cidade, o trabalho, a busca ansiada do trabalho, acaba de dissolver aqueles milhares de infelizes. Porém "Ma", que perdêu tudo, sente que sua familia cresceu. Sua familia possúe agora milhões de membros. Eles são o povo, a gente que não morre nunca. "Ma" aperta os lábios, firme, pronta para todas as lutas. E a fila interminavel de velhos caminhões e automoveis, segue para as plantações de algodão...

O romance de Steinbeck e a adaptação cinematografica feita com a assistencia do autor, concorreram com grande soma para o êxito do filme. Mas a direção de John Ford está simplesmente magnifica. Nada da sutileza de Lubitsch, dos detalhes que esclarecem: é um diretor masculino, vai logo ao assunto. E com que força sabe desenvolve-

lo! A fotografia, de Gregg Toland, parece-me, é sobria, discreta, sem usar angulos difíceis e sem abusar da movimentação da camera. O elenco, que na verdade só possui um grande nome, nos dá uma das melhores interpretações dos ultimos anos. Completa em todos os sentidos. Realmente Hollywood mostrou coragem, transportando para a tela esse drama tão comovente, realizando um filme grandioso, que a gente guardará para se lembrar sempre, como de um marco, um significativo marco na historia desta pobre arte tão desvirtuada.

A. C.

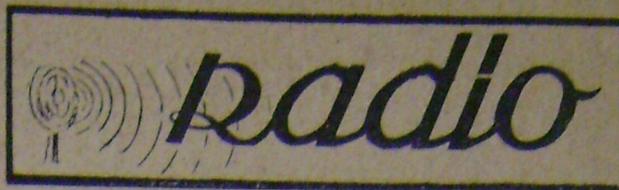
## FRANK CAPRA, O MORALISTA

O ultimo sucesso de Capra, "Meet John Doe", veio pôr, mais uma vez, o seu nome em relevo. Os trechos que transcrevemos abaixo são de um recente artigo que Margaret Case Harriman escreveu sobre o notavel diretor italo-americano.

"Agora, que Frank Capra chegou a ser conhecido como diretor de filmes de extraordinario sucesso — It Happened One Night, Mr. Deeds Goes to Town, You Can't Take it With You, Mr. Smith Goes to Washington — certos pensadores de Hollywood começaram a analisar seu sucesso explicando que todo filme de Capra é um documento social porque tem u'a moral. A moral, acrescentam eles, é ou que o homem comum é o verdadeiro *gentleman*, ou então que a grande riqueza pode trazer grande infortunio, ou então que a verdadeira felicidade provem de proporcionar felicidade aos outros.

"Frank Capra acredita que si o mundo pudesse correr segundo os ideais do homem medio, seria a Utopia. Em seu atual filme *Meet John Doe*, Gary Cooper, como John Doe, faz um discurso que Capra ajudou a escrever e que reflete sua grande defesa do homem medio. Cooper começa hesitante, anima-se, para terminar num triunfante epilogo:

"Sou o homem que vocês todos conhecem como John Doe. Tomei esse nome porque parece descrever o homem medio. E esse sou eu... Somos uma grande familia, os John Doe. Um terrivel cortejo de ninguens. Isto significa você e eu, e o rapaz da proxima porta e o rachador da porta seguinte. Si alguém lhe perguntasse como é o medio John Doe, você não lh'o poderia dizer. Porque ele é uma e é um milhão de coisas. E' mr. Big e Mr. Small. E' fraco e é forte. E' egoista e é generoso. E' simples e é douto. E' inherentemente honesto — mas introduziu uma linha de furto em seu coração. Ele raramente vai a um telefone publico sem empurrar e dedo na fenda para ver si alguém deixou um níquel lá; todavia é o mesmo individuo que deixará cair o ultimo vintem no prato de um cego... Sim, nós somos uma familia numerosa, os John Doe! Nós somos os humildes que se supõe herdarão a Terra. Vocês nos encontrarão por toda parte. Nós fazemos as colheitas, nós cavamos as minas, escrevuramos os livros comerciais, pilotamos os aviões e dirigimos os carros. E quando um policial grita — Pare aí! ele se



Um dos programas mais interessantes da atualidade é sem dúvida nenhuma o que vem sendo mantido pela sapataria "Pisar Firme" na Radio Record de São Paulo. Dois pares se inscrevem e o auditorio escolhe o genero que eles vão dançar: swing, conga ou tango. Também o popular Vassourinha pertence a este bem feito programa.

Um verdadeiro programa cultural dirigido ao povo, é o que ainda falta no Brasil. Não é preciso insistir quanto aos nomes desprovidos de valor que têm a seu cargo os programas desta natureza. Lá uma ou outra emissora, mais conciente de sua missão, é que procura um individuo capaz. A respeito do assunto a escritora Lucia Benedetti disse há pouco tempo palavras definitivas. O radio na sua função educativa, ainda não exerceu no Brasil, um decimo da ação de que é capaz.

"Quatro czes e um ceringa" é o grupo de cinco rapazes cearenses que apresentam na Radio Tupi do Rio de Janeiro musicas de Lauro Maia e outros compositores que, embora tendo valôr, ainda não apareceram devido ao monopolio dos medallhões que tambem no radio exercem sua influencia malefica.



Frank Capra, num instante tomado num intervalo da filmagem de "Mr. Smith Goes to Washington".



# Livraria Editora Bahiana

MATRIZ:

Rua Cons. Dantas, 23

**LIVROS NOVOS**

FILIAL:

RUA CHILE, 23

WINSTON CHURCHILL	— René Kraus	15\$000
O DESTINO DA ESPECIE HUMANA	— H. G. Wells	12\$000
ORGANIZAÇÃO POLITICA E ADMINISTRATIVA DO BRASIL	— A. Tavares Lyra	15\$000
OS CAMINHANTES SILENCIOSOS	— "Coleção Para Todos"	5\$000
O IDIOTA DA FAMILIA	— Margaret Kennedy	8\$000
UM GÔSTO E SEIS VINTENS	— W. Somerset Maugham	8\$000
FILHO NATIVO	— Richard Wright	15\$000
NOÇÕES SOBRE O FRIO MECANICO	— Wenton C. Figueirêdo	10\$000
EDUCAÇÃO E VIDA PERFEITA	— Bertrand Russell	12\$000
LAGRIMAS DE HOMEM	— Warnick Deeping	12\$000
HISTORIA DE CRISTO	— Giovani Papini	15\$000
IMPORTANCIA DE VIVER	— Lin Yutang	18\$000
VIDA ERRANTE JACK LONDON	— Irving Stone	20\$000
ADMIRAVEL MUNDO NOVO	— Aldous Huxley	12\$000
NÓS E A NATUREZA	— Paul Karlson	15\$000
LADY HAMILTON A DIVINA DAMA	— E. Barrington	12\$000
HUMANISMO INTEGRAL	— Jacques Maritain	16\$000
HISTORIA DA ALEMANHA	— Charles Bonnefon	18\$000

Peçam informações

sobre o sistema de vendas  
para pagamento

Em 10 Prestações Mensais

# A GARANTIA DA TERRA FECUNDA...



A terra paga sempre com juros generosos. Não desaba com as casas. Não morre. Cresce de valor dia a dia. O ladrão não a levá. Não a destrói o incêndio. E' eterna.

Empregue suas economias nas ricas pastagens da Bahia. A partir de 50\$ o INSTITUTO DE PECUARIA aceita depósitos populares para aplicação nas atividades pastorís, através de empréstimos feitos com o maior rigor a respeito da solvabilidade dos mutuários — fazendeiros idôneos, sob hipoteca ou penhor pecuário. Fiscalização federal e estadual.

DEPÓSITOS POPULARES com o limite de 10:000\$; juros de 5% retiradas sem aviso, em talões de cheques gratuitos e isentos de sêlos.

## COOP. INSTITUTO DE PECUÁRIA DA BAHIA

RUA MIGUEL CALMON, 16